BIZZ

STONE TEMPLE PILOTS
PROFESSOR ANTENA
JOHN LYDON
PINK FLOYD
U53

INVASÃO DE PRIVACIDADE

rob halford • vernon reid • fernanda abreu

viper • scorpions • gil & paulinho da viola

MOSTRAMOS TUDO

Armas

Violência

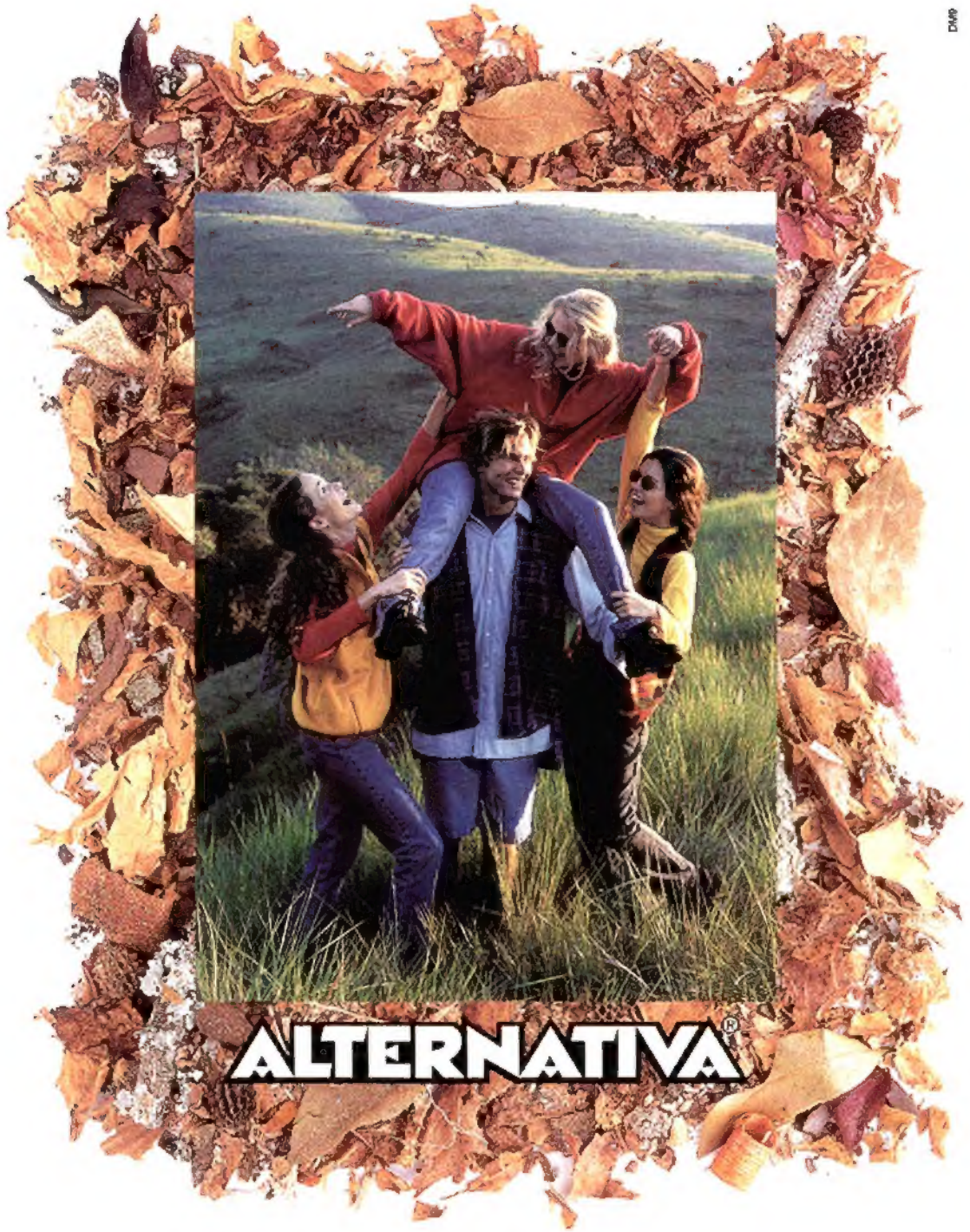
Drogas Pesadas

BOB MARLEY

BIZZ DESCOBRE OS ESCÂNDALOS

DO REI DO REGGAE

8461 - ANO 12 / Nº 5 - EDIÇÃO 108 - CR$ 5.000,00
ISSN 0104-164X



Só na Mesbla.

editorial

A BIZZ, pode parecer, fala do espetáculo – o palco, seus artistas, o show que se vê sob os holofotes. E fala mesmo, sem dúvida. Porém, quando é preciso mostrar as coisas por inteiro, damos a volta, trocamos de posição, ampliamos a nossa (e a sua) perspectiva. Nesta edição fizemos isso várias vezes.

Rui Mendes, cuja experiência como fotógrafo se confunde com a própria história da revista, era o cara certo para resolver as páginas de "Invasão de Privacidade", um ensaio difícil, que exigia partilhar dos escassos e restritíssimos instantes que precedem a entrada de um artista no palco.

Mesmo quando nos colocamos diante da cena, acompanhando, por exemplo, os shows que recheiam o Ao Vivo Especial (6 páginas!), não esquecemos depois de ir até os bastidores, checando com engenheiros, técnicos e burocratas aquelas informações paralelas, como público presente, potência de som, luz e outros detalhes – pequenos, mas importantes.

No caso da reportagem sobre Bob Marley, a questão envolvia algo pessoal: meio professorzinho, meio fã, eu tinha tudo pra contar apenas uma (boa) história sobre o Marley beato e exemplar que desde sempre todo mundo conhece... Especialmente agora, em pleno mês de maio, exatos treze anos depois de sua morte, quando ele se engaja no clubinho do Rock'n'Roll Hall of Fame, ao lado dos Beatles, Stones, Neil Young, Little Richard, Beach Boys, Van Morrison, Cream, Doors e tal.

OK, mostrar as coisas por inteiro, dar a volta, ampliar a perspectiva, entrar nos bastidores – e aí está o Bob Marley que o diabo gosta, humano e imperfeito como nunca antes ninguém mostrou. O que você vai ler não deu na Rolling Stone, nem na I.D., na Pulse, no Melody Maker ou New Musical Express. É a verdade da BIZZ. OTÁVIO RODRIGUES

João Gordo, bicão de luxo flagrado pela BIZZ no camarim do Korzus

RUI MENDES

BIZZ

Ano 10 - Nº 5 - Edição 106 - Maio, 1994

18
Eles transformaram jazz em *hit* de rádio: Us3

20
Chegou o PROFESSOR ANTENA, uma banda que mistura "um pouco de tudo" e não é chata

22
JOHN LYDON é o tipo de sujeito que muita gente adoraria ver de boca fechada. Só que ele escreveu suas memórias e...

24
Nosso correspondente nos Estados Unidos apertou o STONE TEMPLE PILOTS e se deu bem

28
BOB MARLEY, um cara bonzinho, acima de qualquer suspeita. Certo? Errado: o rei do reggae era tão casca grossa quanto Shabba Ranks

36
O que aconteceu instantes antes do show, depois que o artista fechou a porta do camarim? A BIZZ tem uma testemunha

este mês

Jorge Rodrigues

SHOWBIZZ

8 Cristine Nicklas, a nova cara da MTV
9 O careca do Anthrax pede as contas
10 Kim Wilde veio todinha ao Brasil
11 Antes de mais nada: Magnapop, Flop, Beck
12 *Garagem*: Guia do Buraco Quente, Painel Demoníaco!
14 As carreiras-solo de Tony Platão e Ras Bernardo
16 Led Zeppelin prepara a volta, Pavilhão ataca
17 As novas de Sonic Youth , P.U.S. e Skank

AO VIVO

42 Especial de seis páginas! Cypress Hill, Therapy?, James Taylor & Sting, Fight, Scorpions, DeFalla, Depeche Mode, John Mayall, Heineken Concerts, Pink Floyd

TECNOLOGIA

48 CDs congelados e as técnicas de Charles Gavin (Titãs)

LANÇAMENTOS

52 Pink Floyd
54 Sugar, Black Sabbath, Gilberto Gil
55 Infectious Grooves, Inocentes, um pacotão country
56 Raimundos, Nailbomb, Jomanda
57 Spin Doctors, Red Kross e *Index*
58 *Parada*, *Bolsa de Discos* e *Arquivo Pessoal*

REPLAY

60 Jimi Hendrix, Tom Petty, The Kinks, Slayer...

ZONA FRANCA

66 Nine Inch Nails, Morrissey, Meat Puppets

MIX

68 O buraco de Courtney, as confissões de Anthony Kiedis

CARTAS

70 Broncas contra o Gabriel e a Aids de Neil Peart

DISCOTECA BÁSICA

74 *Folk Singer*, do *bluesman* Muddy Waters

Errata: *As fotos dos Racionais MC's (BIZZ de abril) são de autoria de André Sader*

ROADRUNNER RECORDS

BABES IN TOYLAND

BIOHAZARD

BLACK TRAIN JACK

BRUJERIA

FEAR FACTORY

GRUNTRUCK

KING DIAMOND/ MERCYFUL FATE

MALEVOLENT CREATION

NAILBOMB

OBITUARY

RATOS DE PORÃO

SEPULTURA

SEPULTURA

SEPULTURA

SLAYER

TYPE-O-NEGATIVE

ROADRUNNER, QUEBRANDO BARREIRAS!!!

CORREIO ROADRUNNER - CAIXA POSTAL 61051 - CEP 05071-970 - SÃO PAULO

mtv brasil 94

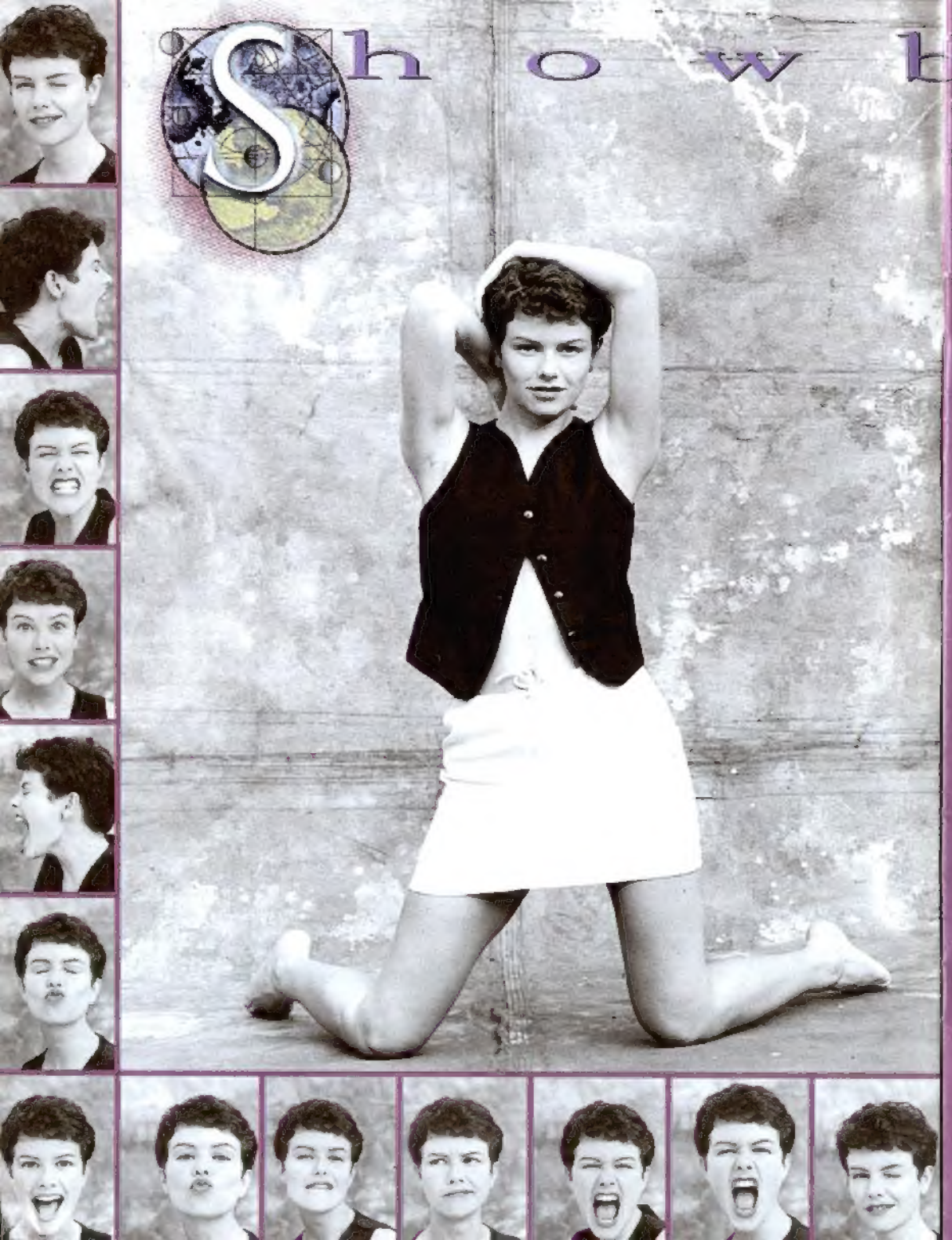
manifesto mtv

O espaço para a nova música. As últimas propostas de todas as tendências. A música de amanhã. Agora. Manifesto MTV. Com Fábio Massari. Segunda a sexta. 00:30 e 13:30. Na MTV.

Deu branco?

YASHICA

SUA MEMÓRIA FOTOGRÁFICA.



showbizz

AGORA É COM CHRISTINE

Oito meses após a sua estréia na MTV, Christine Nicklas, uma bela modelo de 27 anos, está segurando uma outra "bomba": é ela quem, ao lado de outra Cris, a Couto, responde pelo comando do *MTV No Ar* e *Semana Rock*, em substituição a Zeca Camargo, ex-diretor de jornalismo da emissora. "No começou eu fiquei meio histérica", revela Nicklas, que passou por três testes antes de entrar na MTV. "Naquela época sempre faltava alguma coisa". Ela diz que nas ruas é bem menos sisuda do que parece na TV, e isso impede de ser tanto paquerada. "Não sou uma pessoa muito cantável". Agora, devido à profissão, está entrando mais e mais no mundo da música. "Estou indo muito a shows, lendo livros. A coisa está apenas começando".

SCOTT IAN FORA DO ANTHRAX

O carecão se ocupa com outros projetos

Exclusivo: o carecão **Scott Ian** está fora do Anthrax dando mais atenção ao seu projeto paralelo, o S.O.D. Quem está segurando a barra da banda, que no momento excursiona ao lado do Fight, é o alemão Willy Schmanns, da banda Unfear. Enquanto isso a Island Records, ex-gravadora do Anthrax, coloca no mercado o primeiro trabalho ao vivo do grupo: *Live The Island Years*, ainda com o antigo vocalista, o gritador Joey Belladona.

MADONNA DUAS CARAS

... e três e quatro! Enquanto lança seu novo *single*, "I Will Remember", parte da trilha do filme *With Honor*, Madonna testa seu novo visual. Aí vão algumas sugestões da revista americana *Entertainment Weekly*: um *look* Bo Derek e outro mais anos 70, imitando a ex-Pantera Farrah Fawcett Majors.

OUÇA ESSA

"O que a gente tem em comum? Temos tetas e um buraco no meio das pernas." **(PJ Harvey, Björk e Tori Amos)**

"A primeira vez que vi o pau de um cara foi num banheiro público. Tinha 11 ou 12 anos. Quando encarei aquela coisa balançando, fui logo pensando: 'Meu Deus, mas que interessante!'" **(Andy Bell**, Erasure).

"Eu nunca me interessei por homens até alguns anos atrás. Achava que todos eles eram um monte de merda." **(Björk)**.

"Hoje cantamos com meias nos pintos e capacetes que cospem fogo. Quando ficarmos mais velhos, vamos fazer algo totalmente diferente: cantaremos com meias na cabeça e capacetes nos pintos." **(Anthony Kiedis**, Red Hot Chili Peppers).

A versão black de Beavis & Butthead

A edição de fevereiro da revista americana *Vibe* – especializada em cultura negra – traz em sua última página o cartão de apresentação de Rufus & Tyrone. É a versão black e politicamente incorreta de Beavis & Butthead.

Este rostinho lindo serviu de inspiração pra Nirvana e Green Jelly

ELA É WILDE!

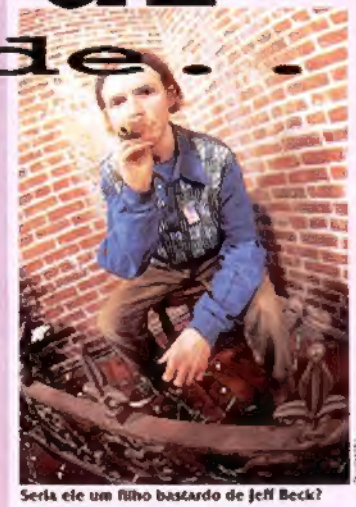
O que Nirvana e Green Jelly têm a ver com o pop da cantora **Kim Wilde**? Respostas: os dois são fissurados em "Kids In America", primeiro sucesso da inglesinha e um dos pioneiros da new wave. "O Green Jelly chegou a gravar "Kids In America" num single. Isso para mim é uma honra", disse Wilde, em entrevista à BIZZ. A cantora veio ao Brasil para divulgar o disco *The Singles*, que compreende uma década de seu trabalho. Apesar de seu trabalho se voltar mais para música pop (regravou "You Keep Me Hangin' On", das Supremes, e "If I Can't Have You", dos Bee Gees), a cantora admite se voltar mais pro rock. "Meu disco novo sai final do ano. Até lá, quem sabe eu possa gravar com o Green Jelly."

Você vai ouvir falar de- - -

Magnapop

São poucas as bandas que conseguem fazer da simplicidade uma arte. O quarteto **Magnapop**, americanos da cidade de Atlanta, é uma dessas raras exceções. O grupo é apadrinhado por Michael Stipe (R.E.M.). "Nosso estilo é simples e direto, mas muito próprio", define a vocalista Linda Hopper. Tanta categoria chamou a atenção de Bob Mould (Hüsker Dü, Sugar), que resolveu produzir. O resultado é *Hot Boxing*, um dos mais sinceros discos de 94.

Magnapop simples e bom



Seria ele um filho bastardo de Jeff Beck?

Beck

Mellow Gold, seu álbum de estréia é uma colcha de retalhos tão desconcertante e imprevisível (de samples de Dr. John a dobros e peidos, vale tudo) que desafia comparações. Catapultado por "Loser" ("sou um perdedor/então por que você não me mata?"), o californiano Beck é hoje uma sensação no meio underground com direito a clip sendo martelado constantemente na MTV e com um contrato de gravação inovador que o permite, quando quiser, continuar editando discos independentes.

FLOP

Santo de casa faz milagre? Se depender do Flop, uma banda de Seattle regada a punk e *bubblegum*, não. "Tivemos de sair de Seattle (a do selo Sub Pop, que lançou Nirvana e Mudhoney, só para começar) para podermos gravar nosso primeiro disco. Ninguém queria gravar a gente", afirma o guitarrista Bill Campbell. O nome da banda, que significa "fracasso", não tem nada a ver com a situação deles em Seattle. "A gente só colocou porque soava legal", comenta Bill. Maiores detalhes em *Wherever You're Ready*, brilhante disco da banda, recém-lançado no Brasil via Sony.

O Flop faz carreira longe de Seattle

Os Chili Peppers preparam vôos maiores em CD

DOSE TRIPLA DE RED HOT

Enquanto não lança seu disco com o novo guitarrista, Dave Navarro (ex-Jane's Addiction), o **Red Hot Chili Peppers** apimenta a sede dos fãs por material novo com *Live, Rare and Remixed*. Trata-se de uma caixa com três CDs com lados B de compactos, faixas raras (como "Sickamanico" e "Fela's Cock") e alguns sons ao vivo. Além disso, há duas versões de "Give It Away" e três de "If You Have To Ask", ambas do multiplatinado *Blood sugar sex magik*. Matar saudades da maior banda de funk metal do mundo custa caro e requer um pouco de sorte: *Live, Rare and Remixed* saiu apenas na Alemanha, lançado em edição pra lá de limitada.

De Volta Ao Passado

Previsto para sair dia 10 de maio nos Estados Unidos, *Experimental Jet Set, Trash And No Star*, novo álbum do **Sonic Youth**, promove uma volta aos bons tempos da banda. O disco será mais cru, a exemplo das obras-primas *Sister* (87) e *Daydream Nation* (89). "É isso que decidimos fazer: escrever as músicas e gravá-las simples e rusticamente", define o guitarrista Lee Ranaldo, "da maneira que o velho e bom rock'n'roll era gravado antes das pessoas terem orçamentos astronômicos e usar todos os truques para fazer a bateria soar mais alto que o próprio Deus".

O primeiro *single* do novo álbum, "Bull In The Heather", vem sendo veiculado nas rádios americanas desde 19 de abril. *Jet Set, Trash And No Star* só não será precedido de uma excursão devido à gravidez da baixista Kim Gordon, casada com o guitarrista Thurston Moore. As *tours* ficam só para 95.

A bela Simone e as feras do P.U.S. querem detonar na Europa

P.U.S. NA EUROPA

Desde o dia 10 de maio, o **P.U.S.** está no meio de sua primeira turnê pela Europa. Os caras saíram do Brasil a convite da banda de *death metal* Benediction pra fazer dez shows na Bulgária e aproveitaram pra se apresentar em outras praças, como Bruxelas e Amsterdã, onde vão participar do festival que antecede o Dynamo Open Air (um dos mais badalados do mundo do heavy metal) e Londres.

A banda quer se mudar definitivamente para a Europa em setembro. Enquanto isso não rola, o P.U.S. volta ao Brasil dia 30 de maio para uma turnê pelo norte/nordeste. Em junho fazem o lançamento oficial de *Sin Is The Only Salvation* no Aeroanta, em São Paulo. Tudo isso pra arrecadar grana suficiente, que somada à venda do carro do vocalista Ronan (um Saveiro avaliado em 5 mil dólares) deve segurar a onda financeira nos primeiros meses de vida nova em Amsterdã.

OS MINEIROS DO SKANK ATACAM EM SILÊNCIO

Um ano após terem lançado seu disco de estréia, pela Sony, o **Skank** passeia de novo pelo esquema independente. Os mineiros lançam em junho um disco com músicas ao vivo (uma delas, gravada em 91, nas históricas *Disco Reggae Night* do Aeroanta), demos e remixes das músicas mais marcantes dos três anos de estrada da banda. O disco, que mineiramente não teve o seu nome divulgado, terá uma prensagem de mil cópias e será distribuído pela loja Diskoteka, em Beagá. "A gente decidiu lançar o CD meio na surdina porque queríamos resgatar um pouco de nossa mineirice, que andava meio esquecida", confessa o baterista Haroldo Ferretti.

Skank às voltas com o disco novo

Declare Seu Tesão. Você Pode Faturar Esta Viagem a Dois.

FOTOS: ARQUIVO TA AUGUSTA TURISMO

Participe! Escreva um cartão para ele ou para ela, siga o regulamento e boa sorte!

REGULAMENTO

1 - A promoção "Declare seu Tesão" é de caráter artístico-cultural, promovida pela Colecti com apoio da Editora Azul, aberta à participação de qualquer pessoa residente em território nacional.
2 - Para participar basta escrever um cartão de Dia dos Namorados de no máximo oito palavras. O júri composto por profissionais qualificados levará em conta criatividade e originalidade. Este júri será determinado pela Colecti.
3 - A ficha encartada nesta edição deverá ser preenchida e enviada até 30/05/94 para a Colecti, Caixa Postal 462 - Brusque - SC - CEP 88350-000, escrevendo por fora do envelope "Promoção Dia dos Namorados/Colecti" (vale a data da postagem). Preferindo pode enviar xerox da ficha ou folha avulsa contendo todas as informações.
4 - Serão escolhidas vinte mensagens sendo premiado com a viagem somente o primeiro(a) colocado(a). O primeiro ganhará uma viagem de **11 dias**, custa a custa nos EUA, com acompanhante e tudo pago (passagens aéreas, traslado, hotel, refeições e passeios). Roteiro: São Paulo - New York - Washington - Miami - Orlando - São Paulo.
5 - Os autores das outras 19 mensagens receberão em casa um kit Colecti contendo: 1 camiseta, 1 conjunto de moletom, 1 mochila, 3 chaveiros, 1 boné e 5 adesivos.
6 - Ostas namorados(as) dos vinte ganhadores receberão em casa na semana dos namorados uma camiseta com a mensagem silkada e a revista preferida. Terá ainda assinatura trimestral do título a partir de julho.
7 - Os escolhidos serão avisados por telefone ou telegrama e as mensagens serão publicadas nas edições de julho de todos os títulos envolvidos.
8 - Os documentos e visto do ganhador e acompanhante são por conta dos mesmos. Em caso de qualquer impedimento legal, o prêmio será automaticamente dado ao segundo colocado e assim sucessivamente.
9 - Não poderão participar desta promoção os funcionários das empresas envolvidas, bem como seus parentes.

Colecti

SOLO MIO

Em seu primeiro trabalho solo, **Tony Platão**, cantor de formação lírica, ex-vocalista do Hojerizah (83/88) caiu nos braços do *soul* e do *rhythm'n'blues* de maneira irreversível. A MPB também está presente na releitura de "Partido Alto" (Chico Buarque), com participação de Marçalzinho e os músicos do Rappa. Aliás, boa companhia é o que não falta: *backing vocals* das Sublimes, violão de Frejat e músicas de Herbert Vianna, Paulo Ricardo, Alvin L. e Dulce Quental. Além, é claro, de músicas compostas com o parceiro Gustavo Corsi (ex-guitarrista do Picassos Falsos) e o toque final do produtor Fábio Fonseca. É dessa triangulação que saiu "Ir Embora", faixa que apresenta o disco – um Tony Platão mais contido e eficaz do que talentoso.

A voz lírica de Tony está agora a serviço do soul e da MPB

RECEITA FINAL

Se a geração grunge chora a morte de Kurt Cobain e fãs do bom futebol lamentam o acidente fatal de Dener, cá do meu lado – o "das antigas" – derramo lágrimas de raiva pelo câncer que matou no último 7 de abril **Lee Brilleaux**, cantor e gaitista do Dr. Feelgood, grupo inglês da localidade de Canvey Island, pioneiro do movimento *pub rock*. Mas o que seria isso? Simples: bandas que tocavam um rock'n'roll básico, em clubes enfumaçados e encharcados de cerveja. Pura diversão e antítese dos maneirismos do *showbiz* da época (solos intermináveis, shows de arena, etc.). Ou seja, o precursor do punk britânico. Na formação original, o grupo tinha – além de Lee – o extraordinário guitarrista Wilko Johnson, o baixista John B. Sparks e o baterista John "The Big Figure" Martin. "Feios, sujos & malvados", os caras gravaram quatro álbuns com este *line up*. Wilko saiu em 77 e a cozinha original pediu as contas em 82. Lee levou o grupo, com outros músicos em mais de uma dezena de álbuns. Sem contar que foi um dos fundadores do primeiro selo independente inglês (Stiff), em 75! Por isso, honras aos 41 anos vividos por Lee, de um paciente irrecuperável do Dr. Feelgood. **C.P.**

JAHRAS BERNARDO

Bernardo Rangel, o *dread-symbol* do Cidade Negra está só. Se enfurnou em sua casa na zona rural da Baixada Fluminense (zona norte do Rio), converteu-se ao judaísmo, aprofundou os conhecimentos de hebraico e ressurgiu como **Ras Bernardo** (o título etíope para príncipe), trazendo consigo um séquito de canções inéditas. Para acompanhá-lo em sua cruzada pela Babilônia, convocou o tecladista Jean Pierre (ex-Obina Shock) e músicos do KMDS para formar o Tez Luzidia. Ras Bernardo canta sua poesia com ingenuidade dos puros de coração - nos mares revoltosos do *dub* ("Transforma"), em alegres levadas ragga-nordestinas ("Postal do Rio"), em citação de "Aquele Abraço") e num melodioso *lovers rock*, reggae romântico como poucas vezes se ouviu por aqui ("Só com Amor").

Bernardo está solo, mas bem acompanhado

adidas OFFICIAL SUPPLIER
WorldCupUSA 94

Let's go! Brasil!

Desde 1930, a adidas esteve presente em todas as Copas do Mundo. Nos Estados Unidos não vai ser diferente. Estaremos uniformizando 10 dás 24 seleções, além de árbitros e bandeirinhas. A Questra - bola oficial da Copa de 94 - também é adidas. Sua exclusiva tecnologia faz com que ela seja 10% mais veloz que qualquer outra bola. Isso quer dizer que com a Questra (e a nossa torcida) vai ser ainda mais difícil nossos adversários verem a cor da bola.

Plant e Page juntos, uma cena que todo mundo gostaria de rever

A Volta do Led Zeppelin

Ninguém confirma, mas ninguém desmente, tampouco, que o **Led Zeppelin** estaria prestes a ressurgir das próprias cinzas. Uma versão dá conta de uma reunião de Jimmy Page, Robert Plant e John Paul Jones para a gravação de um Acústico pra MTV que resultaria num disco – uma fórmula inteligente, vale dizer, de evitar a inclusão de um "estranho no ninho" na mistura, em substituição ao baterista John Bonham, morto em 80. Outros relatos, no entanto, garantem que os três integrantes originais – mais um baterista não revelado – subiriam ao palco em Wembley Arena, na Inglaterra, em junho, como parte da comemoração do centenário da fábrica de guitarras Gibson. A foto publicada na edição de maio da revista inglesa Q – pretensamente mostrando Page e Plant saindo de um estúdio de ensaio em Londres – demonstra que não pode haver fogo, ainda, mas a fumaça...cof...cof...cof... começa a ser sufocante.

Saqueadores do Mercado

Os rappers do Pavilhão, ainda com Pivete (sem máscara)

Os rappers do **Pavilhão 9** lançam agora seu primeiro disco. *Procurados Vivos Ou Mortos III* é uma referência ao massacre da Casa de Detenção, em 92, quando a polícia fez farinha dos presos alojados no dito Pavilhão 9.

No álbum, distribuído nos lados "Julga" e "Executa", estão oito faixas inéditas e uma regravação de "Otários Fardados", agora mais hardcore com a participação de João Gordo. "Chacina" tem mais um convidado especial: Edu K, do Defalla.

"As faixas estão bem mais trabalhadas", comenta Rossi, letrista e vocal da banda. "O disco está mais melodioso, algumas músicas até lembram Snoop Doggy Dogg". Outra faixa que deve dar o que falar é "Saqueando O Mercado", onde rolam *samples* de vários grupos de rap conhecidos. "A gente só faz isso quando a base é dos outros. Se samplearem alguma coisa nossa, vai rolar confusão", prometem os caras do Pavilhão.

O RELÓGIO PARA 1.001 ATIVIDADES.

Citizen Promaster.
O esportivo que combina com a sua natureza.

America's Cup '95
OFFICIAL TIMER
CITIZEN

PROMASTER
CITIZEN
CITIZEN IS A REGISTERED TRADEMARK OF CITIZEN WATCH CO., JAPAN

Nós 3 e mais alguns outros

Em vez de um processo por sampleagem indevida, o Us3 ganha um contrato com uma lendária gravadora de jazz. Assim caminha o hip hop...

O jazz renasce soando esquisito e faz sucesso com a nova geração

Quando o telefone tocou e do outro lado disseram que era da Blue Note Records, Geoff Wilkinson entrou em pânico. "Advogados!", raciocinou Geoff, "e eles querem nos processar".

O pânico era justificado. Junto com o amigo Mel Simpson, pianista de formação clássica que passou pelo London College of Music e pela banda de John Mayall antes de conhecer Wilkinson, o produtor Geoff vinha misturando samples de standards do jazz – retirados do catálogo da reverendíssima gravadora Blue Note sem autorização prévia – e hip hop original, composto por eles mesmos, e lançando a combinação em disco independente – o compacto "The Band Played The Boogie" – sob a identidade secreta de Us3. "Na hora que ligaram da Blue Note", lembra ele, com um sorriso meio abalado, "pensei que fosse o fim".

"Mas o que eles queriam era nos oferecer um contrato de gravação", prossegue ele, aliviado. Uma proposta sensata, inteligente: através do Us3 e de outro combo de jazz/hip hop, o Jazzmatazz, a Blue Note está passando por um franco renascimento, ganhando de novo o peso e o prestígio que teve nos anos 40 e 50, quando, mal comparando, era uma espécie de Sub Pop do jazz. E mais: através dos samples do Us3, toda uma nova geração está tendo seu primeiro contato com gigantes do jazz de todos os tempos, como Herbie Hancock, Thelonious Monk, os Jazz Messengers de Art Blakey, Big John Patton, Horace Silver e Grant Green, hoje misturados com sons que ajudam a perfazer a linha de frente da dance music dos anos 90.

Kobic, Rahsaan e Tukka: rappers carismáticos na linha de frente do Us3

A proposta de Mel e Geoff deu tão certo que hoje o Us3 – "Nós 3", em inglês, com o numeral representando o "elemento desconhecido, que está sempre em mutação", conforme explica Simpson – deixou de ser um projeto de fundo de apê londrino para virar um sucesso internacional, graças ao primeiro álbum, *Hand On The Torch*, lançado no final do ano passado pela Blue Note (via EMI no Brasil).

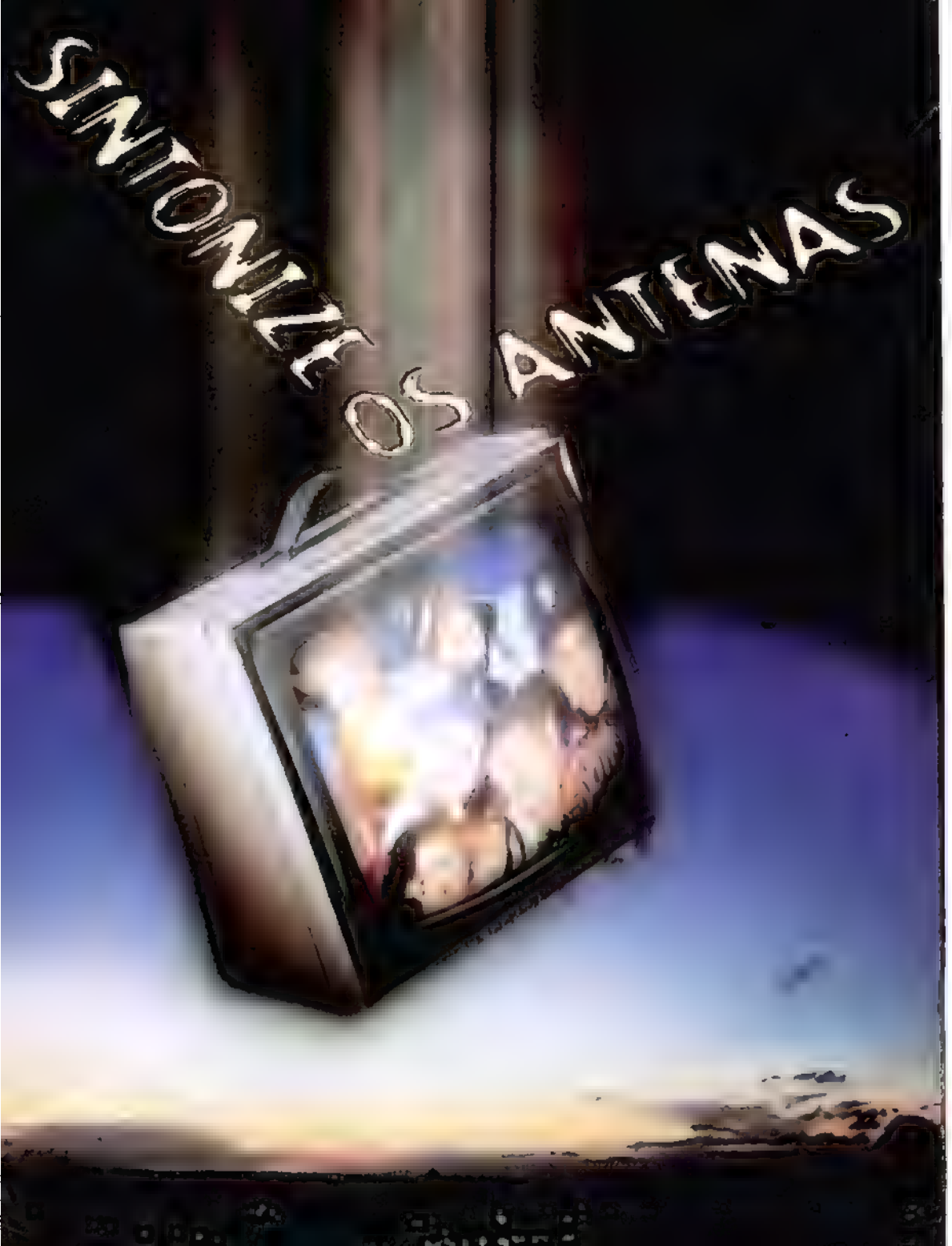
A faixa "Cantaloop (Flip Fantasia)", transformada em clip, ganhou residência na MTV da Europa, dos Estados Unidos, da Ásia e até do Brasil, graças à cartada decisiva da dupla: a criação de um grupo formado por músicos jovens (entre eles o pianista Matthew Copper, de 19 anos, atual sensação nos círculos jazzísticos) e três vocalistas/rappers/toasters carismáticos, os americanos Kobic Powell e Rahsaan, e o anglo-jamaicano Tukka Yoot.

Em vez de deixar que o Us3 permanecesse simplesmente um projeto sem rosto, Wilkinson e Simpson criaram uma identidade visível, rapidamente assimilável e reconhecível.

É essa banda que hoje excursiona pelos Estados Unidos, abrindo os shows do UB40, enquanto Mel e Geoff se ocupam da retaguarda. No mais, "não faz sentido para a gente", diz Mel, "a essa altura querer tocar com os músicos no palco. Para começo de conversa, eles são muito melhores que nós". Os planos da dupla, agora, incluem a formação de um núcleo criativo de produção que permita expandir seu império jazz/hip hop.

José Emílio Rondeau

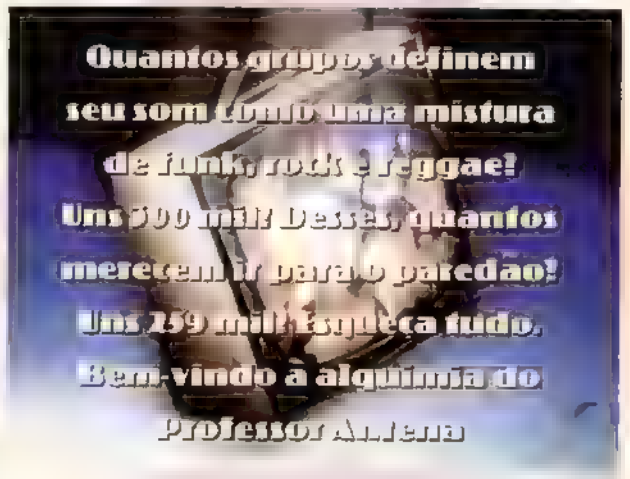
US3



Hey, Fred, pergunte a um *playboy* o que que ele acha da Vilma", diz Rodrigo Leão, o mentor do Professor Antena, imitando o Barney (dos *Flintstones*) e aludindo ao Pensador Tal um candidato a *rapper* que faz uso do bom humor de vez em quando. Acabamos de esbarrar com Fausto Fawcett no bar Cervantes, em Copacabana, e agora estamos a caminho dos estúdios cariocas da BMG para ouvir a mixagem final do primeiro disco do... Professor Antônio?

"Professor Antena", repetimos calmamente para o porteiro do estúdio. "Ah! Os meninos do Savala. Podem entrar." O nome é mesmo bem esquisito. Por trás dele existe uma fusão de rock, reggae e hip hop, mistura do crioulo doido inventada pelo paulistão branquelo Rodrigo Leão, o mesmo que produzia e apresentava a versão nacional do *Yo! MTV Raps* quando o estilo ainda entortava a cara dos executivos da indústria fonográfica.

Rodrigo pôs em prática uma ideia que há tempos nutria com uns amigos de Bauru (o guitarrista Alessandro, o baterista Alexandre e o baixista Artur): montar uma banda de reggae com guitarras de verdade e letras meio "cabeça". Tiquinho, um trombonista da noite, adicionou o suíngue primário e foi intimado a ficar na banda. "Se eles derem bobeira, roubo ele para o naipe dos Paralamas", brinca Savala, o produtor que já virou o sétimo antena – o pessoal quase bate continência para ele. O sexto é o DJ Bid que, pasmem, foi guitarrista do Tokio e trabalhou na gravadora Capitol, de Los Angeles.



Professores de bizarrice

A contratação do grupo foi semi-instantânea. Após aperfeiçoarem, demo a demo, sua alquimia pop-brazuca benjoriana, os antenas chegaram a um protótipo que quase virou CD independente. Os caras só não seguiram essa trilha "skankiana" de fazer um CD às próprias custas porque a simpática fita caiu antes nas mãos de Mauricio Valladares (se você tem uma banda en-che o saco dele) diretor do selo Plug (BMG-Ariola). Valladares a mostrou para o "quinto paralama" e companheiro de panelinha Carlos Savala, que, entusiasmado, aceitou na hora produzir o *debut* da banda.

Só que, enquanto a fita ainda estava sendo distribuída, os seis moldaram as músicas com linhas e *grooves* mais arrojados. Ao entrar em estúdio, Savala se encarregou de dar um trato no peso. A parceria rendeu: "Teodora" (originalmente um ska) virou uma faixa bônus esquizofrênica, enquanto "Professor Antena" (a música de trabalho) evoluiu para um convite irresistível à farra sem culpa, tipo "Pense E Dance".

Impossível não associá-los ao Gueto, grupo paulista dos anos 80 que também tinha uma "música de apresentação" ("G.U.E.T.O.") baseada no rap. Só que, nos anos 90, rap é outra história. A mistura com jazz é (de)liberada, e o Professor Antena não deixa por menos com sua "Debaixo De Um Telhado Estranho".

Mas cadê o lado Jamaica? Calma essa manha os caras têm. As provas são os skas "Força Bruta" e "O Médico E A Moça" e os reggaes "Morro Da Sagração", "Rinoceronte" e "Boys Don't Cry" (uma recriação da música do The Cure, acreditem, no ritmo de Jah). Ao vivo, então, o grupo prepara ainda mais surpresas: com os agregados James Muller (percussionista) e Serginho (baixista, ex-Lagoa 66), eles iluminam "A Night In Tunisia" (do sapo-boi do trompete Dizzie Gillespie) e um *crossover* "Fight The Power" (Public Enemy)/tema de *Rocky* (o filme).

Definitivamente, tentar explicar o som dos antenas é uma tarefa ingrata. O Professor Antena lembra tanto o *Tropicália 2* de Caetano e Gil quanto o Fishbone e, ao mesmo tempo, nenhum dos dois. Se Rodrigo e cambada forem bem recebidos, pode ir se preparando para o futuro: o Professor Antena abre um novo capítulo na MPopB... Seja lá o que isso signifique agora.

Alex Bruder

CONFISSÕES DE UM PUNK QUANDO JOVEM

John Lydon finalmente pôs a história do Sex Pistols em livro. Falando para BIZZ em Nova York, ele comenta as revelações de *Rotten: No Irish, No Blacks, No Dogs*

John Lydon (ex-Johnny Rotten, vocalista do Sex Pistols) nasceu, cresceu e provavelmente vai morrer punk. Seu tom sarcástico e suas posições extremamente críticas não foram amenizadas pelo tempo: o John com quem conversei é o mesmo que, há quinze anos, tornou-se ícone de uma geração insatisfeita com o marasmo musical "progressivo".

Polêmico, John finalmente resolveu colocar um ponto final nas mentiras, lendas e incorreções a respeito de seus tempos de Sex Pistols. Agora, tudo o que (segundo ele) realmente aconteceu no período que foi da criação à dissolução da banda pode ser conhecido em detalhes em *Rotten: No Irish, No Blacks, No Dogs*. O livro traz uma sequência de entrevistas com artistas que participaram do movimento punk, entre eles Steve Jones e Paul Cook (respectivamente guitarrista e baterista do Sex Pistols), Billy Idol (que, acreditem, começou no punk como vocalista do Generation X) e Chrissie Hynde (The Pretenders). Além do próprio Lydon, claro.

O livro parece um filme-documentário. Fala do estilo "anti-*fashion*" do punk, das divergências com o empresário Malcolm McLaren, das aventuras e desventuras de Sid Vicious – o baixista dos Pistols, que morreu de *overdose* de heroína logo após sair da prisão –, das gravações e shows da banda, além de trazer fotos inéditas do acervo pessoal de John. *Rotten...* tem até um *mea culpa* do autor em relação à morte de seu amigo de escola Sid Vicious: "Eu poderia tê-lo ajudado. Se não fosse tão preguiçoso e não tivesse lavado as mãos... Vou carregar essa culpa comigo até o túmulo." O livro também perdoa Malcolm McLaren que afirma ser o "criador" do punk. Apesar de Lydon haver lutado contra ele na Justiça por direitos autorais, o livro afirma: "Acreditem: não existe animosidade entre mim e Malcolm."

Por causa de todo esse caldo grosso que recheia a obra, John conseguiu mais uma vez: o livro foi lançado com estardalhaço nos Estados Unidos, de onde ele falou com exclusividade para a BIZZ.

Por que escrever este livro depois de tanto tempo?
Só resolvi escrevê-lo porque um monte de asneiras foram ditas e escritas sobre os Pistols durante esses anos, principalmente pelos jornalistas. Disseram tanta mentira sobre mim que quis contar tudo o que realmente aconteceu.

Por que você escolheu como subtítulo *No Irish, No Blacks, No Dogs*?
Por causa do preconceito. Os ingleses discriminam qualquer um que não faça parte de sua casta. O título se refere às placas encontradas na porta dos banheiros de estabelecimentos ingleses.

Qual foi a participação real de Keith e Ken Zimmerman, os co-autores?
Eles são meus amigos. Me ajudaram nas entrevistas com pessoas ligadas ao punk.

Ao buscar depoimentos de pessoas que participaram dos acontecimentos, você quis provocar debate?
Não só isso. Quis mostrar os fatos de forma precisa. De outra maneira, seria apenas mais um ponto de vista – o meu.

Você planeja continuar escrevendo?
Devo escrever sobre os dias do PIL *(a banda que John fundou ao sair dos Pistols)*. Mas não agora. Só quando o PIL acabar. Afinal, tudo chega ao fim um dia...

E quanto a um novo disco da banda?
Não há previsão. Estou trabalhando em um disco solo que sairá em setembro.

No livro, tem-se uma impressão de nostalgia. Parece que você gostaria que o Sex Pistols tivesse continuado.
O livro não tem nada a ver com nostalgia ou autobiografia. Eu simplesmente quis mostrar como as coisas aconteceram.

Você é contra a religião. No livro, chega a dizer que religião é lavagem cerebral. Qual é sua relação com Deus?
Ele está lá, eu estou aqui. Um dia eu me aproximo de Deus. Talvez quando eu tiver aprendido mais... Eu chego lá.

Você diz, no livro, que não se importava com política durante os dias dos Pistols, mas que agora acompanha.
Não me envolvi com política naqueles tempos porque era muito jovem, não tinha conhecimentos. Atualmente participo, envio reclamações, acompanho projetos, cobro dos políticos.

John Gray, seu amigo de infância, falou de sua "vocação" para a pintura. Você tem trabalhos nessa área?
Não gosto do mundo da arte. Nunca quis participar dele. Tenho meus trabalhos, pinto quadros, faço esculturas, mas é uma coisa particular, para meu prazer.

Na sua opinião, há alguma semelhança entre as mortes de Kurt Cobain (Nirvana) e Sid Vicious?
De maneira alguma. A de Sid foi um acidente, a de Kurt foi intencional.

VIRGÍNIA GUILHON

Ao vivo e em Israel, Lydon é capaz de tocar para multidões

Joãozinho Pedro não perdoa

Exageros, armações, ironias: alguns trechos da história do punk segundo Lydon

• "Encontrei Sid (Vicious) na escola. Ele era uma vítima da moda – a pior que conheci. Ele comprava revistas ridículas tipo *Vogue*, só para estuda-las e copiá-las. Ele usava sandália sem meia, na neve, só para mostrar as unhas pintadas..."

• "Escrevi 'God Save The Queen' na cozinha da casa dos meus pais. Escrevi pela manhã, enquanto esperava o feijão cozinhar. Fui direto para o estúdio, mostrei para os outros caras. Glen não gostou nem um pouco: 'Não podemos fazer isso, seremos mortos.' Mas valia a pena. Ninguém havia abertamente condenado a família real na história da nossa ridícula Grã-Bretanha."

"Uma vez, os McCartneys me convidaram para ir na casa deles. Não me sentia capaz de ter uma conversa normal com eles. Eles queriam gravar comigo? A coisa toda era tão irreal e falsa, eu não podia acreditar! Um dia, minha mulher (Nora) e eu estávamos em um táxi e, de repente, os McCartneys nos viram e começaram a correr atrás do carro. Travamos a porta para que eles não pudessem pular para dentro. O motorista fez a curva e disse: "Jesus, eu vi tudo! Me lembro quando as pessoas o perseguiam. Agora, ele é que se persegue."

"Acho que a idéia de cuspir no palco foi minha. Por causa do pirulito, vivo cuspindo no palco – mas nunca na platéia. A imprensa pegou aquilo e, na semana seguinte, a platéia pensava que também tinha que cuspir. Ninguém percebeu que estava cuspindo um mal físico, não uma poução poética."

Da direita para esquerda: Lydon, [illegible], dona amiga, muita cerveja e [illegible]

Crônica de um sucesso anunciado

Pearl Jam cover, banda de um disco só ou maior revelação de 93? Para decifrar o enigma, José Emílio Rondeau dá uma prensa em Scott Weiland, vocalista do Stone Temple Pilots, e consegue com exclusividade todas as pistas do próximo disco do grupo.

O picolé de Weiland começou a derreter. No resto dos Estados Unidos o inverno ainda reina mas, em Atlanta, frio já é coisa do passado – a primavera já cedeu vez a um verão por enquanto ameno, mas potencialmente derretedor. O picolé de Weiland que o diga.

Enquanto ele fala sobre as gravações do segundo álbum dos Stone Temple Pilots – realizadas não em Los Angeles, onde os integrantes moram, mas em Atlanta, base do produtor Brendan O'Brein –, o calor vai vencendo o ar-condicionado e derretendo o picolé que o vocalista tenta chupar entre uma frase e outra (sem muito sucesso, já que a maior parte escorre por suas mãos e braços, o que acaba requerendo uma visita de emergência ao banheiro).

"Essa é a primeira entrevista que estamos dando a respeito do novo álbum", diz Weiland, agora já de mãos lavadas. "Durante os últimos meses, tentamos nos isolar da imprensa para nos concentrar em nossa música." De fato, em 93 a imprensa falou muito deles e nem sempre bem: dependendo do veículo, os STP eram "a banda de rock americano mais quente", "grunge postiço" ou "imitadora do Pearl Jam". Falando para a BIZZ, Weiland levou na esportiva as farpas dos detratores. Ele está calmo, seguro de que o novo disco provará que o Stone Temple Pilots tem personalidade própria.

Há quanto tempo vocês trabalham no novo álbum? E por que gravar em Atlanta, na Geórgia?

Atlanta é a cidade onde mora Brendan O'Brein, nosso produtor. Ele é dono de um estúdio que tem um equipamento maneiríssimo – amplificadores antigos, coisas assim. Estamos aqui há umas três semanas. Falta apenas mais uma para terminarmos o disco. Além do mais, é ótimo estar aqui, longe das distrações de casa. Lá tem tanta coisa rolando que o trabalho acaba ficando de lado. Aqui mergulhamos na arte. Nós ficamos, por assim dizer, dentro de nossa própria bolha.

De que distrações você está falando?

Sei lá, todos nós temos namoradas ou esposas. *(O baixista)* Robert *(DeLeo)* e eu acabamos de comprar uma casa e isso é outra coisa que toma nossa atenção. Todos os nossos amigos moram lá, a gravadora é lá...

Serão desculpas para não trabalhar?

É, de repente os caras da gravadora podem pintar no estúdio e isso é uma distração enorme. Aqui, não. No nosso mundinho de Atlanta, nós moramos em frente ao estúdio: é só atravessar a rua.

"Quando um determinado número de bandas está tocando no mesmo circuito de clubes e, de repente, uma delas atinge um certo grau de sucesso, é muito natural que as demais sintam ciúmes"

O'Brein produziu o disco anterior dos STP (*Core*) e agora trabalha no novo. Ele e a banda se entendem excepcionalmente bem?

Trabalhar com Brendan não é algo tipo "artista *versus* produtor". Quando trabalhamos juntos, ele se torna uma parte da banda. Nós trocamos idéias o tempo inteiro. Ele nos ajuda a colocar as coisas sob perspectiva.

O disco novo difere em alguma coisa do anterior?

Estamos trabalhando de uma forma bem diferente. Experimentamos um monte de sons e modos diferentes de gravar. Partes do novo disco foram gravadas em um outro estúdio, usando uma máquina de oito canais igual à que os Beatles costumavam usar, o que deu *(às músicas)* uma cara mais bruta. Ele vai soar bastante diferente *(do anterior)*. Não a ponto de afugentar o público conquistado. Mas, esse novo álbum foi muito gratificante. Todas as experiências por que nós passamos no último ano e meio fazem com que o disco seja bem diferente. E queríamos nos desafiar e tentar retribuir a música por tudo que ela nos deu.

As canções do novo disco são novas ou há sobras do primeiro álbum?

A maioria surgiu de idéias novinhas em folha. Algumas pintaram até de experiências que íamos fazendo no estúdio. Apesar disso, existe também uma canção que *(o guitarrista)* Dean *(DeLeo)* compôs quando tinha 16 anos, época em que fazia parte de sua primeira banda. A letra e a melodia são novas, feitas por mim, mas a música é antiga. Não quero dar muitos detalhes. Prefiro esperar que o disco saia para, então, falar mais dele. Mas posso adiantar que o conteúdo do álbum vai de nossas experiências estritamente pessoais até observações sociais.

No show de entrega dos prêmios de cinema da MTV, vocês tocaram uma versão *jazzy* de "Plush". Haverá no novo disco algo nessa mesma veia?

Há um bocado de coisas acústicas nesse disco novo, porque acho que essa é a forma mais natural de se fazer música. Nós curtimos isso, embora haja também um lado bastante pesado no disco, uns lances abstratos.

Vocês participavam da trilha-sonora do filme *The Crow*, mas Brandon Lee, o ator principal, foi morto acidentalmente no *set*. A música vai entrar nesse novo disco?

Vai. Chama-se "Big Empty".

Algum músico convidado participa do álbum? Vocês chegaram a gravar alguma *cover*?

Paul Leary, guitarrista dos Butthole Surfers, toca em uma faixa, "Lounge Fly". Quanto a *covers*, gravamos sim. Fizemos algumas coisas, mas ainda é cedo para saber o que vai entrar ou não.

O disco já tem título?

Ainda não.

Para muita gente, os Stone Temple Pilots surgiram do nada direto para as rádios e para a MTV, quando na verdade a banda já vem rolando há um bom tempo.

Venho fazendo música e tocando em bandas com Robert e *(o baterista)* Eric *(Kretz)* há mais ou menos sete anos. Não surgimos do nada. Tocamos por todo o sul da Califórnia durante três anos e meio, antes de assinarmos com uma gravadora.

Numa entrevista publicada na revista americana *Spin*, Dean reclamou do ciúme de outras bandas.

Acho que é uma reação natural dessas pessoas. Acontece com qualquer um que faz sucesso. Não é uma reação exclusiva da indústria de música, mas ocorre em especial nesse meio. Quando um determinado número de bandas está tocando no mesmo circuito de clubes e de repente, uma delas atinge um certo grau de sucesso, é muito natural que as demais sintam ciúmes. Tem gente que gosta de ver tudo isso apenas como uma competição. Mas, para ser sincero, nem penso nisso. Nós temos uma situação privilegiada. Sou pago para criar. Eu posso fazer o que quiser: compor, tocar guitarra, escrever poesia – e viver disso.

A imprensa musical andou fazendo comparações desfavoráveis entre os Stone Temple Pilots e o "som de Seattle", em especial com o do Pearl Jam. Esse tipo de comentário por acaso enerva vocês?

No começo incomodou bastante. Me deu vontade de sair *(pausa)*... Primeiro senti raiva, frustração. Mas chegou um ponto em que percebi que tinha uma ótima situação na vida. Música é algo extremamente pessoal para mim e para as demais pessoas da banda. E sei qual é a nossa, em termos de composição. Sei o que estamos fazendo. E, no mais, as pessoas estavam basicamente comparando apenas uma canção – "Plush" – ou um vídeo ao trabalho de outra banda. Isso é uma maneira muito bitolada de avaliar o conjunto de uma obra. Se você comparar um álbum ao outro, vai ver que é impossível utilizar os mesmos argumentos ou mesmo conseguir fazer comparações. Agora, com este novo álbum tão diferente de tudo o que está sendo feito hoje em dia, não me preocupo mais – nem um pouco – com esse tipo de coisa.

José Emilio Rondeau

O Stone Temple Pilots (à partir da esquerda): **Robert DeLeo, Dean DeLeo, Weiland e Eric Kretz**

O OUTRO LADO

HÁ TREZE ANOS MORRIA O MAIS FAMOSO JAMAICANO DO PLANETA, DEIXANDO MULHERES, FILHOS, AMIGOS, INIMIGOS E 50 MILHÕES DE DÓLARES! MAS...

POR OTÁVIO RODRIGUES

VIOLÊNCIA, ARMAS DE FOGO, DROGAS PESADAS E MUITA FÉ: A HISTÓRIA DO REI DO REGGAE GANHA OUTROS CAPÍTULOS NO RITMO DOS TRIBUNAIS

DE BOB MARLEY

David Corio/Re

Se existe uma unanimidade no mundo da música, seu nome é Bob Marley. A posição libertária, a legitimidade e a franqueza das atitudes, a cruzada conscientizadora de sua música, tudo colabora para que o rei do reggae permaneça numa das mais confortáveis trincheiras da batalha das tribos, essa disputa velada e estupida que coloca estilos musicais e suas ideologias em confronto, não em companhia.

13 anos após sua morte, o herbívumo mais famoso do mundo ainda vende um milhão de discos por ano e veste camisetas em pelo menos duas gerações de fãs, tomando tanto o lugar do Mickey quanto o do Che Guevara. As biografias, as reportagens e os homevideos colaboram nessa beatificação contando a histórna, repetitiva mas verdadeira, do "garoto que saiu da favela de Trenchtown pra ganhar o mundo com sua música visionária e redentora". Falam da mansão na Jamaica, uma casa da sogra com homens atrás de trabalho, mulheres atras de remédios, todos atrás de dinheiro, ninguém saindo de mãos vazias. Mostram os shows, os ensaios, o batebola na grama, e ele sempre com o mesmo sorriso, a mesma roupa – um cara inegavelmente muito simples, autêntico. Esse Bob Marley existiu de fato, com todas essas virtudes, do jeito que o anjo gosta.

A máxima do "roupa suja se lava em casa", porém, não resistiu à corrida do ouro que familiares, músicos, produtores, amigos e inimigos do rei continuam fazendo chegar aos tribunais, numa garimpagem sem fim dos estimados 50 milhões de dólares que ele deixou. A briga de foice envolvendo a viúva Rita Marley, o ex-parceiro Bunny Wailer, a prima-herdeira de Peter Tosh, os Wailers, filhos desconhecidos, empresários, produtores e oportunistas não tem perdoado sequer Sua Majestade os processos desnudam a porção *rudeboy* de Bob Marley, revelando um anti-herói rasta, alguém capaz de promover sessões de espancamento e usar armas pesadas para ameaçar seus desafetos "Alguém perfeito em sua imperfeição", comenta Gilberto Gil. "São as leis da sobrevivência", diz outro jamaicano famoso, Jimmy Cliff.

Robert Nesta Marley todo frajola no dia do casamento com Rita Marley, em 66. Mulherengo de carteirinha, ele acasalou como um coelho durante os 36 anos de vida. Cindy Breakspeare (abaixo, esq.), ex-Miss Mundo Biquini, é mãe de um dos herdeiros do rei, Damien (também na foto), hoje um aspirante a superstar do reggae

NELSON RODRIGUES PERDE

Robert Nesta Marley, 36 anos, filho de Norman e Cedella, marido de Rita, amante de Cindy, Esther, Martha e outras tantas, pai de Ziggy, Julian, Stevie, Robert, Damien, Rohan, Cedella, Stephanie, Makeda, Kimani, Karen e pelo menos outros onze.

Bob Marley, um cara sem burocracias, capaz de celebrar e cumprir acordos na palavra, sócio informal dos Wailers Junior Marvin, Aston e Carlton Barrett, Earl Lindo, Alvin Patterson e outros bambas do reggae, personagem de negócios obscuros com lobos e cordeiros do circo musical da Jamaica. Um selo próprio, um estúdio, uma fábrica de discos, uma BMW, mansões em Kingston e Miami um contrato milionário com a Island Records.

Não é preciso ser um expert em direito, um sabe-tudo das varas civeis e de família, pra imaginar as pendengas que sucederam o 11 de maio de 81, a babilônia que se instaurou nos tribunais depois que Bob Marley morreu de câncer. Entre um e outro combate na frente dos juízes, as maracutaias do rei e sua corte foram aparecendo: falsificação de assinaturas, musicas com autores fictícios, espancamento de radialistas, armação de resultados em corridas de cavalos, violência entre quatro paredes. Uma ópera-bufa com efeitos de fumaça.

Confusão 1

Na partilha do império – tão grande, por exemplo, quanto o do beatle George Harrison – Rita Marley, esposa de papel passado, ficou com a parte gorda: o selo e a gravadora Tuff Gong, a mansão, o filé-mignon das musicas. Tudo lindo, mas não para o caça-dólares Danny Sims, dono da Cayman Music. No começo dos anos 70, quando Bob Marley não era um superstar, nem tinha expediente ou bola de cristal para prever a responsabilidade de sua assinatura, esse norte-americano conseguiu dele um contrato do tipo tudo-que-você-compor-daqui-pra-frente-é-metade-meu.

Em 83, quando leu as biografias *Bob Marley*, de Stephen Davis, e *Catch a Fire*, de Timothy White (atual editor chefe da revista *Billboard*), Sims descobriu que várias musicas escritas na época de vigência do contrato – 73 a 76 – foram registradas sob nomes falsos ou de amigos do gueto (Vincent Ford, Coghill Legorn, Willy San Francisco, Hugh Peart etc). "Isso até eu mesmo fiz", comenta Jimmy Cliff. "Às vezes você não quer trabalhar com uma editora que não quer largá-lo. Então a gente muda os nomes, os créditos das músicas, para não ter de pagar nada."

Em 84, Sims entrou com uma ação contra Rita Marley, representante do espólio de Bob Marley, cobrando seus direitos. Ele quebrou a cara, não conseguiu mais do que já tinha. Wayne Jobson, da banda de reggae Native, apresentador do programa *Reggae Revolution*, na K-ROK de Los Angeles, produtor do filme *Stepping Razor*, um documentário sobre Peter Tosh e Bob Marley, dá outros detalhes dessa encrenca. "Danny Sims tentou convencer Vincent Ford *(a quem é atribuída a autoria de No Woman, No Cry)* a admitir que havia escrito a música em parceria com Bob. Em princípio, Vincent disse que sim, mas depois Rita Marley comprou uma cadeira de rodas pra ele e o cara enfim disse que não, que a musica era só dele mesmo".

Em 87, acusada de falsificação da assinatura do marido morto, desvio de pelo menos 16 milhões de dólares da herança e outras mumunhas de envergonhar suas crianças, Rita Marley perdeu os privilegios como capitã do espólio. A fortuna foi incorporada pelo Estado e passou a ser administrada por J. Louis Byles, um banqueiro coroca designado pela justiça – que mais tarde, arrependido até a alma diante das barbaridades, disse que ter aceitado a função foi a pior coisa que fez na vida.

Confusão 2

Engrossando o caldo, os músicos dos Wailers bateram à justiça dizendo-se co-autores dos vários sucessos que hoje todo mundo assovia no banheiro, mas que por causa da confusão Nº 1 acabaram creditados aos fantasmas. Pior ainda, acabaram sob suspeita mesmo aquelas que apareceram assinadas por um ou outro dos Wailers. os advogados de Rita Marley alegaram que as musicas eram mesmo de Bob e que esses "enganos" eram tambem estrategia para driblar o contrato de Sims. Parada dura para os rapazes da banda, já que o único que poderia comprovar essas parcerias era o proprio Marley. Gastaram o que tinham e o que não tinham nessa briga e não levaram nada.

Confusão 3

Lee "Scratch" Perry, inventor da ciência dub, produtor dos Wailers originais (Bob Marley, Peter Tosh e Bunny Wailer) no final dos 60, início dos 70, dono de outro curioso contrato com o trio, loteou os direitos dessa boa safra de músicas entre a Trojan Records (Londres) e a San Juan Music (Nova Jersey, EUA). Essa San Juan, por sua vez, repassou os mesmos direitos a outros 15 selinhos de calçada, que hoje espalham, a preço de mandioca, CDs gravados a partir de registros em vinil. Hibernado em algum lugar da Suécia, com vários parafusos a menos, Scratch até agora não deu as caras para prestar contas.

Confusão 4

Na Jamaica, onde ainda se praticam muitos hábitos dos ancestrais africanos, o sistema matriarcal é um *must*. O cara tem um filho aqui, outro ali e lá e acolá e um abraço. Quem cuida da criança é a mãe, e o homem da casa é o irmão dela. Mas, como a mãe e seu irmão trabalham e precisam estar "casando" a toda hora, quem acaba criando a molecada mesmo é a avó, mãe da mãe e do tio. Como se vê, tudo muito simples, prático e organizado – a menos que o pai verdadeiro morra subitamente deixando um legado de 50 milhões de dólares. Dos cem candidatos a "filho do homem", apenas sete chegaram às finais. Ficaram com uma mixaria, não paga nem o advogado.

Confusão 5

Durante os nove anos de estrelato, Bob Marley praticamente não mexeu no time. Seu empresário era Don Taylor, seu artista e ilustrador era Neville Garrick, seu assessor especial e amigo de todas as horas era o jogador de futebol Alan Skilly Cole. O primeiro, descobriu-se agora, era tão confiável quanto uma barata e vivia desviando os cachês dos concertos. O segundo, que vigiava até o sono do rei, costumava fechar a porta e segurar uma sub-metralhadora Uzi enquanto Marley descia a

mão no primeiro. O outro, Skilly Cole, o Pelé da Jamaica, entre outras façanhas comprava resultados no jockey de vez em quando e fugia com a grana sempre (foi numa dessas que em 1977 a mansão-terreiro dos Marley foi invadida por pistoleiros que quase conseguiram acabar com o proprietário).

Isso não aparece por inteiro nas biografias oficiais de Bob Marley, porém foi registrado, carimbado e assinado à custa dos muitos depoimentos jurados agora com a mão na Bíblia. Wayne Johnson conta outras e boas: "No início, nos anos 60, não tocavam o som dos Wailers nas rádios jamaicanas porque eles eram rastas. A única maneira de resolver isso – e estou falando baseado nos depoimentos que rolaram nos tribunais – era arrebentar os pára-brisas dos carros dos DJs e forçá-los a tocar os discos." Chocado? Para Jimmy Cliff, tudo bem: "Esse é um método muito usado pelos jamaicanos. Se um amigo seu toca em alguma banda, é claro que você quer ouvir a música dele tocando nos *sound systems* da moda."

Confusão 6

Bunny Wailer, parceiro de Marley e Peter Tosh nos idos de mil novecentos e lá vai fumaça da boa, acaba de pôr mais uma pedra no sapato de Rita Marley e Chris Blackwell, capo da Island Records (hoje controlada pela PolyGram) e atual dono da Tuff Gong, que ele comprou do governo jamaicano por 8 4 milhões de dólares em 89.

Segundo Bunny, o mais místico dos Wailers originais, a Tuff Gong Records era criação dele, junto com Tosh e Marley. Como os dois já morreram, ele seria o sucessor natural nos negócios da empresa. Pauline Morris, prima de Peter Tosh e tutora das dez crianças que o negão deixou, não tem nadíssima a perder e está atrelando seus interesses aos de Bunny Wailer.

Para Roger Steffens, escritor e radialista, fundador da revista *Beat*, o mais ativo pesquisador e arquivista do mito Bob Marley, Bunny Wailer tem bons motivos pra enfrentar a viúva em juízo. "Ele acha que Rita já queria separar os Wailers originais desde 64!" Steffens da razão pra Bunny: "Ele fundou o selo e pagou pelos direitos do nome Tuff Gong, por que não pode guiá-lo?"

Porta fechada, o amigo Neville Garrick com uma metralhadora na mão: Bob Marley prepara o ambiente pra descer a mão em seu empresário

FOLHA CORRIDA

1968 – Bob Marley entra na primeira roubada, firmando um contrato com a Johnny Nash Inc., do cantor norte-americano Johnny Nash (o mesmo que em 1970 faria sucesso com o reggae "I Can See Clearly Now", regravado agora por Jimmy Cliff). No acordo, o cantor jamaicano entregava os direitos sobre todas as músicas que havia escrito até então, mais todas as que viesse a compor nos cinco anos seguintes.

1972 – A "tchurma" do Marley assume o estilo deixa-que-eu-chuto e passa a resolver no braço os problemas com programadores das rádios de Kingston que se recusam a tocar suas músicas. Skilly Cole, chefe dessa torcida organizada entre 72 e 76, confirmaria na justiça que nunca Bob Marley emplacou tantas músicas nas paradas jamaicanas como nessa época.

1973 – O escroque Danny Sims, dublê de produtor e empresário, ex-sócio de Johnny Nash, convence um Bob Marley ainda despreparado a estender o contrato sacana até 76, comprometendo de novo a produção musical de nosso herói com a Cayman Music.

1977 – Sob as asas de Marley, o superamigo Skilly Cole arma um resultado nas corridas de cavalo e passa pra trás a galera de Concrete Jungle, uma favela barra-pesada de Kingston. A vingança vem em disparada: um grupo de extermínio invade a mansão da Hope Road e descarrega o tambor no rei e seus súditos. Marley sai ferido. Os autores do atentado vão aparecendo mortos, um depois do outro. A polícia encerra o caso rapidamente, dizendo não ter pistas para continuar investigando.

1980 – Bob Marley vem ao Brasil trazendo Junior Marvin (guitarrista dos Wailers) e Jacob Miller (vocalista do Inner Circle). Miller, o mais digno sucessor do trono, morre dias depois tentando dirigir e chupar cana. As más línguas ainda acusam Marley pelo acidente. Papo furado.

Don Taylor (no destaque, acima), saco de pancadas preferido de Bob Marley. Os funerais do rei (dir.), com as Doze Tribos de Israel mostrando as cores. A mansão-museu na Jamaica (abaixo), onde aconteceu o atentado, a manchete nos jornais e o herói de carne e osso vencido pelo câncer

1980 – Don Taylor, empresário pessoal de Bob Marley, cancela um show, inventa um xaveco e fica com a grana. Descoberto, leva um cacete do chefe sob a mira de uma sub-metralhadora Uzi nas mãos de Skilly Cole (que mais tarde garantiria que "era só uma pistola automática calibre 45").

1981 – "Muerte Horripilante" é a manchete de um semanário espanhol. Solitariamente (ninguém mais toca no assunto), a reportagem fala sobre cocaína e outras drogas pesadas que teriam rondado os dias finais de Bob Marley. Roger Steffens, o cara que mais conhece a história de Bob Marley, confirma: "Ele tinha um câncer corroendo seu corpo e isso o fazia sentir dores terríveis. Não podemos culpar Bob por ter usado algo mais pra se livrar do sofrimento". Nos funerais do rei, na Jamaica, integrantes da facção rasta Doze Tribos de Israel dão vexame, mas mesmo assim não conseguem tirar o mítico Anel de Salomão do dedo de Bob Marley. Usado antes pelo imperador etíope Hailé "Jah em Pessoa" Selassié, o tal anel ardeu em chamas junto com seu último e fiel depositário.

1984 – A Cayman Music, editora do norte-americano Danny Sims, resolve cobrar seus supostos direitos sobre vários sucessos do rei lançados entre 73 e 76 e entra com uma ação civil contra Rita Marley, representante do espólio. Os advogados da viúva defendem o patrimônio da família afirmando que os termos do contrato não teriam mais valor onze anos depois.

1986 – Os jornalistas e escritores Timothy White e Stephen Davis depõem e confirmam o estratagema das falsas autorias. Rita perde os privilégios como representante oficial do legado de Bob Marley.

1987 – Rita Marley pinta e borda com o império do marido e é surpreendida pela ação da justiça, que acaba tirando dela o direito de administrá-lo. (Para alguns convivas do casal, Rita esperou a morte de Bob para colocar as asinhas de fora, pois enquanto o maridão era vivo ela era tratada que nem mucama. Gilberto Gil, surpreso mas entusiasmado com a reportagem da BIZZ, conta que soube recentemente de umas histórias... Conheci uma aeromoça que há anos vai à Jamaica, por causa de seu interesse pelo reggae. Ela se tornou amicíssima da Rita e, no decorrer da conversa comigo, ela falou que antes notificava muito Bob Marley, mas depois veio a perceber que ele era um homem como todos os outros de lá, aquela coisa masculina machista tribal africana, rasta, muçulmana. Tipicamente jamaicano.")

1990 – Anthony Booker, de 19 anos, irmão de Bob Marley, morre num tiroteio com a polícia de Miami depois de invadir um shopping center com um berro na mão.

1994 – Bunny Wailer e a representante do espólio de Peter Tosh, Pauline Morris, acionam advogados para reivindicar o controle da Tuff Gong Records, hoje dividida entre Rita Marley e Chris "Island" Blackwell. A bola está em jogo e, mais uma vez, deve cair na geral. Roger Steffens está terminando a biografia oficial de Bunny Wailer, repleta de histórias nunca dantes relatadas. Enquanto isso, Don Taylor – isso mesmo, empresário e *sparring* do médio-ligeiro Bob Marley nas horas vagas – dá os últimos retoques na sua versão dos fatos no livro *Bob Marley And Me*, segundo informou em primeiríssima mão o decano do reggae Dermot Hussey, vai circular em setembro, com novas e escabrosas revelações sobre Bob e Rita.

A SUA PARTE NA HERANÇA

Felizmente, Bob Marley continuará sendo lembrado por sua música. Não por acaso, seu nome foi incluído este ano no seleto panteão do Rock'n'Roll Hall of Fame, ao lado dos Beatles, Rolling Stones, Cream e Doors, entre outros poucos.

Se você até hoje ainda não incluiu seus discos na coleção, o caminho mais curto são as fantásticas caixas *Songs Of Freedom* (Island/Tuff Gong) e *One Love* (Heartbeat), ambas encontráveis nas melhores importadoras. Outro obrigatório é *Legend* (distribuído no Brasil pela PolyGram), um *greatest hits* póstumo que desbancou Beatles e Pink Floyd nas paradas de clássicos em catálogo da revista *Billboard* segurando o primeiro lugar durante dezenove semanas. *Forget his problems and dance!*

COLABORARAM SÉRGIO MARTINS E JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

TOQUE COM OS MELHORES MÚSICOS

Vídeo-Aulas — *DO BRASIL E DO MUNDO* — Vídeo-Aulas

* CÓD 0517 — * CÓD 0518 — ** CÓD 0542 — * CÓD 0541 — * CÓD 0544 — * CÓD 0529

* CÓD 0546 — * CÓD 0547 — * CÓD 0548 — * CÓD 0549 — * CÓD 0550 — * CÓD 0540

* CÓD 0543 — * CÓD 0501 — * CÓD 0507 — * CÓD 0519 — * CÓD 0545 — * CÓD 0535

* CÓD 0511 — ** CÓD 0509 — *** CÓD 5001 — *** CÓD 5002 — *** CÓD 5003 — *** CÓD 5004

* Fita Simples = URV 34,00
** Fita Dupla = URV 49,00
*** Fita Importada = URV 50,00

Código	Qtde	Título	Preço Unit	Preço Total

OPÇÕES DE PAGAMENTO (marque com um X)
☐ Cheque nominal à MPO VIDEO TAPE EXPLETA - Rua Heitor Penteado, 340 - Sumaré - São Paulo - SP - CEP 05.437-000
☐ Débito no cartão de crédito (aceitamos todos os cartões)
☐ Depósito em conta corrente - Bradesco - Ag. 0398-7 - Conta nº 54254-2

VALOR DO PEDIDO
DESCONTO
TOTAL A PAGAR

LIGUE JÁ
Fone: (011) 263-1522
Fax: (011) 62-7608

Nome
Endereço
CEP _____ Cidade _____ Estado
Fone ( ) Data / / Assinatura

Possuímos mais de 50 títulos — Solicite catálogo grátis

MPO VIDEO

URV DO DIA DO PAGAMENTO - TAMBÉM NAS MELHORES REVENDAS - INFORMAÇÕES (011) 263-1522

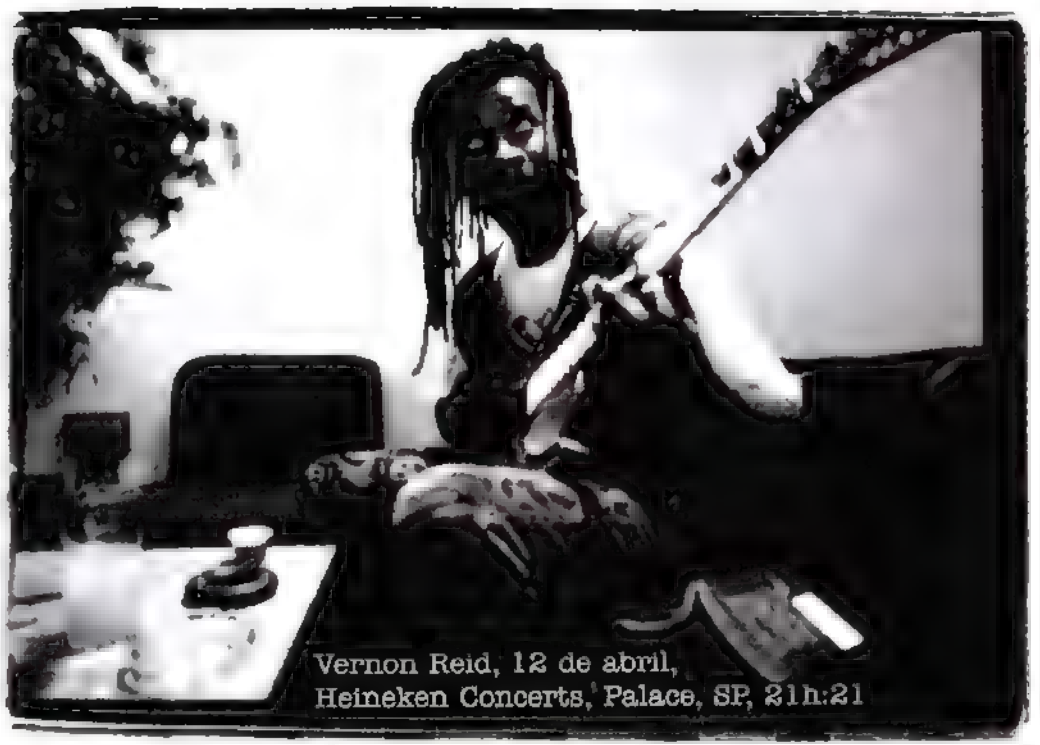
INVASÃO DE PRIVACIDADE

Se o palco é o altar, o camarim é a sacristia, lugar sagrado onde os ícones desfrutam momentos de gloriosa intimidade. A BIZZ quebrou o protocolo, suplantou o universo restrito das credenciais e se tornou cúmplice de algumas estrelas poucos minutos antes de elas entrarem em cena

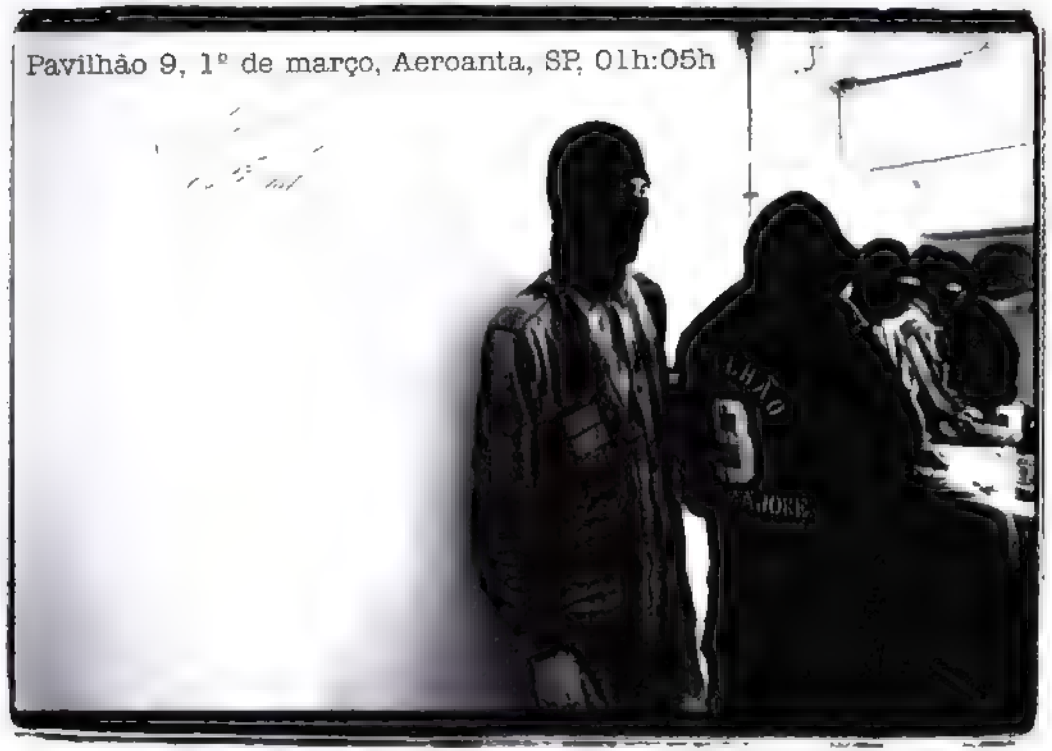
FOTOS RUI MENDES
PRODUÇÃO ROBERT HALFOUN

Rob Halford (Fight), 15 de março, Olympia, SP, 21h:24

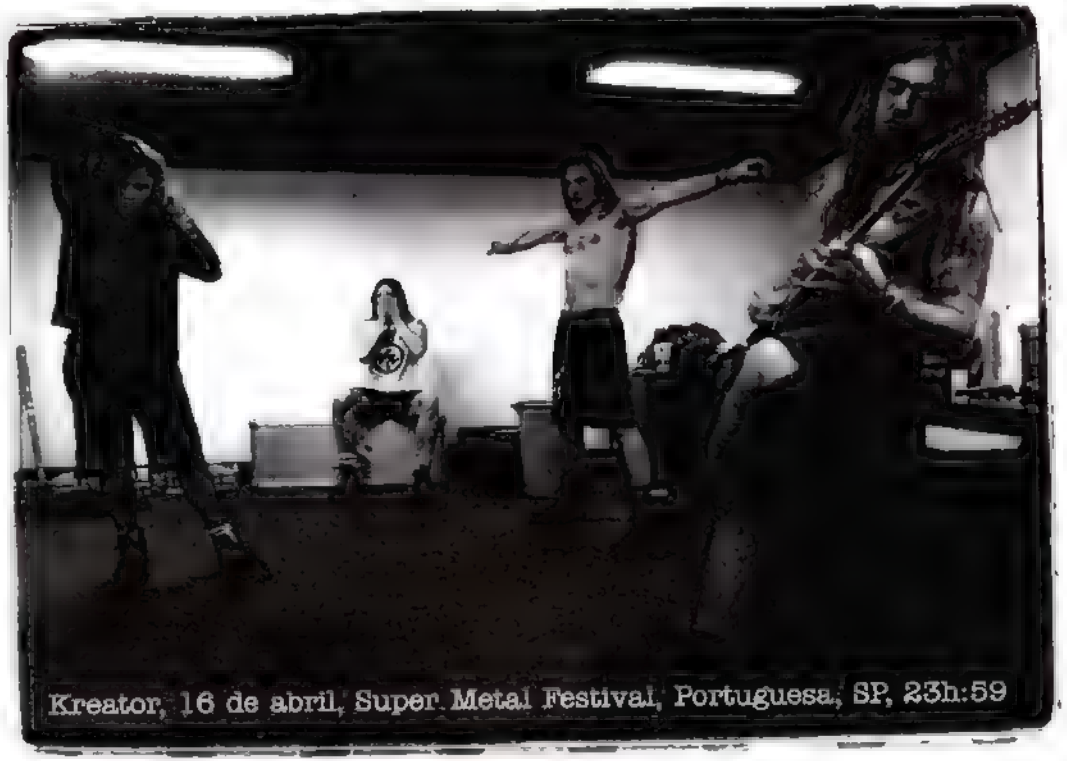
Fernanda Abreu, 15 de abril,
Vale do Anhangabaú, SP, 18h:44



Vernon Reid, 12 de abril,
Heineken Concerts, Palace, SP, 21h:21



Pavilhão 9, 1º de março, Aeroanta, SP, 01h:05h



Kreator, 16 de abril, Super Metal Festival, Portuguesa, SP, 23h:59

Paulinho da Viola, Gilberto Gil e Velha Guarda da Portela, 11de abril, Heineken Concerts (Palace, SP), 21h:15

V[illegible]el, 23 de outubro de 93, Aeroan[illegible] (SP), 22h:57

Scorpi[illegible] de março, Olympia (SP), 22h:93

Volkana, 16 de abril, Super Metal Festival (Portuguesa, SP), 22h:38

AO VIVO

B-Real, vocal do Cypress Hill, no show da Brixton Academy: violência palpável

CYPRESS HILL

(Londres, 22/2)

A noite vai melhorando gradualmente: os Lords Of The Underground ainda não aprenderam a encher um palco, o Funkdoobiest apela demais para o carisma de Son Doobie, o famoso Porno King Quando o Cypress Hill invade a arena, a velha Brixton Academy já está irreconhecível de tanta fumaça As camisetas dizem "legalize it"

Mas o Hill é mais do que o *hype* da erva, é também o rap nasal e preguiçoso de B-Real, o linguajar latino de Sen Dog e – principalmente o gênio musical de DJ Muggs, que infelizmente ficara em Los Angeles preparando a próxima bomba do grupo. Seu substituto, porém, foi bem instruído – o baixo está gordíssimo, as batidas pesam toneladas

As vezes a escuridão e a paranóia tomam conta, como na violência palpável de "How I Could Just Kill A Man", Mas "Insane In The Brain" e 'Hits From The Bong" trazem de volta, com a ajuda de um percussionista, a atmosfera hilariante que é o forte do show. Entre uma e outra, B-Real fuma fala mal da polícia e da imprensa, tira sarro de Snoop Doggy Dogg. O público inglês pode estar a anos-luz de L.A. e das gangues e Uzis de *Black Sunday*, mas, durante uma hora e meia, a comunhão é total. *Anamaria Lemos*

FICHA TÉCNICA

Local: Brixton Academy.
Abertura: Lords Of The Underground e Funkdoobiest. Publico: 4 mil

Michael McKeegan, baixista do Therapy?

THERAPY?

(Londres, 4/3)

Andy Cairns, vocalista do Therapy?, está se torturando no palco.

Forçando as cordas vocais de modo sobrehumano, ele se imagina Jeffrey Dahmer, o canibal de Milwaukee, e inicia a viagem aterrorizante através da mente de um *serial killer*. De repente seus cabelos tingidos do negro mais negro adquirem um ar diabólico.

Aqui embaixo, é difícil saber se a garotada tem a mesma impressão. O público se preocupa mais em pular e se lançar violentamente em direção ao palco. Afinal, o grupo é uma das caras mais conhecidas do "metal alternativo" – não dava pra deixar de bater cabeça Os *riffs* que nos assolam pesam toneladas e até a famigerada acústica da Brixton Academy está decente Certamente, poucos tímpanos irão sair daqui intactos

De "Potato Junkie" à sinistra "Trigger Inside", o trio irlandês parece uma máquina de moer. Destroça, entre outras, "Stop It You're Killing Me" e "Screamager". Infelizmente, na maior parte do tempo a banda é mais competente do que brilhante, mas o Therapy? continua sendo um dos melhores motivos para se sair de casa em uma sexta-feira gelada. *A. L.*

FICHA TÉCNICA

Local: Brixton Academy. Abertura. Kerbdog Publico: 4 mil. Som. 30KW.

JAMES TAYLOR & STING

(São Paulo, 19/3)

James Taylor levou 35 minutos para subir ao palco do Anhembi. O público, arrumadinho, esperou tranqüilamente Apesar de desajeitado e tímido, James deu seu parecer sobre a chuva que espantou os fãs:"Que noite de merda!". Não era pra menos: Taylor cantou para uma platéia de 5 mil gatos pingados

Logo de cara, Sting acompanhou James (a quem chamou "idolo") em "You Can Close Your Eyes". Apesar da discrepância entre as posturas de palco, os dois se saíram bem – Sting voltou ao set de Taylor em "(I've Got To) Stop Thinkin' About That". De resto, James só empolgou com o folk "Mexico" e "Steamroller Blues" (destaque para o *backing vocal* de Dorian Holley).

Final óbvio: "You've Got A Friend"

O melhor viria depois. De cabelos espetados, colete preto e postura que lembrava a época do Police, Sting mostrou sua boa forma Levantou o publico em "If I Ever Loose My Faith" e, para delírio dos fãs mais antigos, relembrou "Synchronicity", "Magic", "Roxanne" e "King Of Pain". O humor ficou por conta do baterista Vincent Colaiuta (ex-banda de Frank Zappa) que brincou com a letra de "Englishman In New York". James voltou ao palco para fechar a festa com "Every Breath You Take" e "Fragile" No final da noite, a mistura inusitada até que deu certo *Juliana Pascato*

FICHA TÉCNICA

Local. Anhembi. Publico: 5 mil. Som: 300KW. Luz: 500KW

Sting e James Taylor: encontro inesperado no Anhembi

DEFALLA

(São Paulo, 5/3)

O Aeroanta lotou para comemorar os "dez anos" do DeFalla. Prometeu-se a presença da baterista Biba (da formação original), sem sucesso. Eles tocaram com a escalação atual acrescida do DJ Mau Mau

Mais estranhices? Fontes seguras garantiram que Edu K (vocal/*performer*/mentor) só foi a Porto Alegre para ensaiar uma semana antes dos shows Não deu para disfarçar a insegurança.

Também não deu para disfarçar o descontentamento de Flávio (baixo) e Castor (bateria) com Mau Mau. À certa altura, a bateria pareceu estar lá só fazendo figura: as bases eram todas manipuladas pelo DJ. "Não Me Mande Flores" virou reggae, "Sodomia", uma colagem hip hop. Ninguém se entusiasmou com as "inovações" e a coisa foi assim até a relativa empolgação de "Caminha ..".

No bis, o povo urrou "queremos rock n'roll". Não deu mesmo para entender aquele show dos "dez anos" de uma banda que só tem nove, com participação" de um cara que, na verdade, é parceiro de Edu K em um projeto solo

Senhoras e senhores: parece que o DeFalla já não é a mais inovadora banda do rock nacional . *Gabriela Dias*

FICHA TÉCNICA

Local: Aeroanta. Publico: 500 Som 1 6KW. Luz: 20KW, 30 refletores

FIGHT

(São Paulo, 16/3)

Rob Halford é um deus. O cara redefiniu o heavy metal à frente do Judas Priest. Três anos depois da apresentação deles no Rock In Rio, Halford voltou a pisar nos palcos brasileiros com seu grupo novo, o Fight. Nada de couro, ele agora se veste com bermudão e boné de *rapper*.

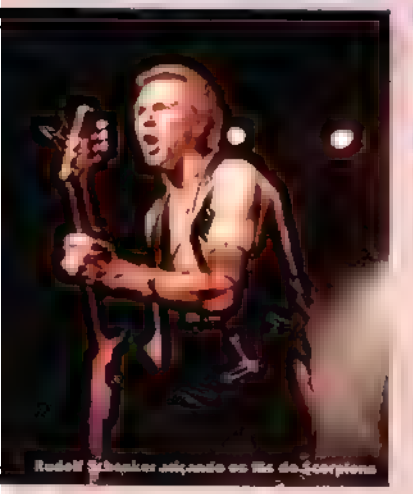
A apresentação do Fight foi apenas razoável para quem esperava músicas do Judas: Halford se limitou a tocar "Hell Bent For Leather", "Running Wild" e "Green Manalishi". Quem foi ao Olympia para curtir um bom show de heavy metal, entretanto, se deliciou.

Halford ainda possui perfeito domínio de palco: regeu um coro em "Immortal Sin" e fez um solo de voz arrepiante. A banda, se não tem guitarristas tão competentes quanto os do Judas, traz um baixista mais ativo (Jay Jay). Na bateria está Scott Travis, outro ex-Judas. Ele atiçou a galera ao tocar a introdução de "Painkiller" na hora do solo, mas a sessão nostalgia parou por aí. A desculpa de que o novo guitarrista da banda não sabe as músicas não cola. Mas quem se importa? Deus tem o direito de mudar a ordem das coisas. *Sérgio Martins*

FICHA TÉCNICA

Local: Olympia. Abertura: P.U.S. Público: 1 mil. Som: 40KW. Luz: 190 refletores.

Deus Rob Halford, ex-judas, atual Fight



Rudolf Schenker atiçando os fãs do Scorpions

SCORPIONS

(São Paulo, 29/3)

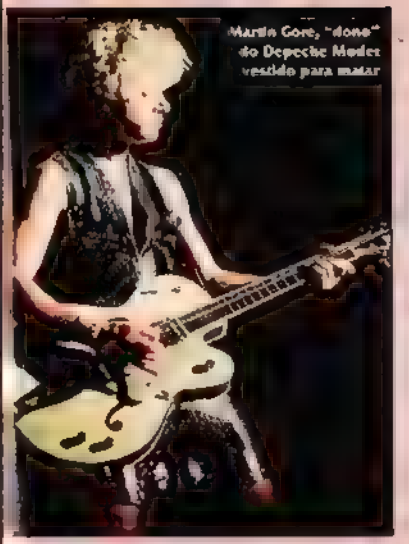
A expectativa para ver os Scorpions em um lugar como o Olympia era grande. Como a banda acostumada a megashows iria se portar em um local tão pequeno? A resposta: muito bem. Klaus Meine & Cia. acertaram em cheio na escolha do *set list*. Com a casa lotada, eles privilegiaram músicas dos álbuns de maior sucesso no Brasil (*Love At First Sting* e *Crazy World*).

Como no Rock In Rio de 85, a banda provou que sabe fazer rock n' roll. As guitarras de Rudolf Schenker e Matthias Jabs falaram alto, acompanhadas pela batida compassada de Herman Rarebell e pelo baixo do novato Ralph Rickerman. Klaus não parou um minuto, ocupando todos os lugares do palco. A movimentação dos alemães empolgou: ninguém ficou imune a sucessos como "Bad Boys Running Wild", "Big City Nights" e "Rock You Like A Hurricane".

Os mais românticos, porém, tiveram que esperar pelo bis para ouvir "Still Loving You" e "Wind Of Change". O único senão foi o corte em "Holiday": a banda executou apenas a parte voz-e-violão da música. Ficou para a próxima (que, a julgar pelo entusiasmo dos fãs, não deve tardar). *Karin Gimenez*

FICHA TÉCNICA

Local: Olympia. Público: 3,5 mil. Som: 30KW. Luz: 200 refletores.



Martin Gore, "alone" do Depeche Mode vestido para matar

DEPECHE MODE

(São Paulo, 4/4)

Toda a publicidade em torno da *Devotional Tour* proclamava uma mudança radical na sonoridade do Depeche Mode. David Grahan (cabeludo) e Martin Gore – empunhando uma clássica guitarra Gretsch Single Cut semi-acústica (a mesma utilizada por Poison Ivy, dos Cramps) – se empenharam em fugir da assepsia tecnopop que vinha os caracterizando desde antes da saída do tecladista Vince Clark.

Mesmo assim, a noite deixou uma impressão de engodo. Gore fez questão de aparecer mais que Grahan cantando as músicas mais lentas e melosas como "Somebody". Martin veio preparado para brilhar (literalmente) em um conjunto prateado. Enquanto isso, David permanecia fora do palco.

A partir de "Walking In My Shoes", o telão passou a apresentar imagens reeditadas de vídeos (que chegaram a superar os originais) como "Never Let Me Down Again" e "Everything Counts".

Os que um dia já puderam se confessar fãs da banda sem se sentirem constrangidos esperaram até o fim para ouvirem "Strange Love", "Something To Do" ou "The Meaning Of Love" com a potência apropriada para um show. Tiveram que se contentar porém, com um bis sem graça, fechado por uma versão pop/rock de "Question Of Time". Uma mostra de fé e devoção ao padrão MTV. *Niki Nexos*

FICHA TÉCNICA

Local: Olympia. Público: 3 mil. Som: 60KW. Luz: 150 refletores, 4 canhões estroboscópicos.

JOHN MAYALL

(São Paulo, 28/3)

Foi a segunda vez que o "pai do blues britânico" mostrou aos brasileiros sua boa forma como multi-instrumentista e *band leader* (a primeira foi no Free Jazz de 90). Nem parecia que ele havia completado sessenta anos em novembro e que Buddy Wilington, o novo guitarrista de sua banda (os Bluesbreakers) substituiu Coco Montoya em janeiro.

As quase duas horas de blues iniciaram sem a presença do mestre. Os Bluesbreakers começaram rasgando "Coming To Your Town" e seguiram mostrando boa parte do último álbum de Mayall, *Wake Me Up* (tão "bem divulgado" por aqui que muita gente nem sabe que saiu). Mas nem só de novidades vive Mayall, que não dispensou clássicos como "Parchman Farm" e "Room To Move".

Ele provou que não precisa seguir mudas para estar por cima. São as mudas que o seguem: bastaria Buddy aumentar o volume de sua guitarra para "reinventar" o heavy metal. No final, a certeza de que blues não é coisa de roqueiro velho que transforma a escala pentatônica em "pentelhatônica". *Ayrton Mugnaini Jr.*

O bluesman Mayall em forma

FICHA TÉCNICA

Local: Palace. Público: 1.6 mil. Som: 130KW. Luz: 120 holofotes e 2 canhões fixos.

ARSENAL: JOHN MAYALL

Palco: guitarra Fender Stratocaster, teclados Korg e gaita Hohner.

ANTENA

ABRIL

Depeche Mode, Olympia, São Paulo, dias 4 e 5.

Gabriel, O Pensador, Chico Science & Nação Zumbi, Paulo Francis Vai Pro Céu, Jorge Cabeleira... e outros (Abril Pro Rock). Circo Maluco Beleza, Recife, dias 8 e 9.

Tiroteio, Mundo Livre S/A, Piu Piu E Sua Banda, Planet Hemp e Linguachula (SuperDemo). Aeroanta, São Paulo, dia 12.

Paulinho da Viola, Nanã Vasconcelos, João Gilberto, Egberto Gismonti e convidados (Heineken Concerts), Palace, São Paulo, dias 11, 12, 13 e 14. Hotel Nacional, Rio de Janeiro, dias 13, 14, 15 e 16.

Chico Science e Nação Zumbi. Circo Voador, Rio de Janeiro, dia 15; Circo Benetton, São Paulo, dia 19.

Krisiun, The Mist, Korzus, P.U.S., Volkana e Kreator (Super Metal Festival), Ginásio da Portuguesa, São Paulo, dia 16.

Ratos De Porão, Aeroanta, Curitiba, dia 22.

Sepultura, Olympia, São Paulo, dia 26.

Pink Floyd: megalomania visual superando a música

PINK FLOYD

(Miami, 30/3)

A abertura da turnê mundial do Pink Floyd (a primeira em quase sete anos) foi uma extravagância visual e sonora. A banda apresentou-se em um palco de quase trinta metros de altura, com forma de concha. O repertório fez uma retrospectiva da carreira deles, indo de músicas dos anos 60 a composições do recém-lançado *The Division Bell*.

As duas partes do show abriram com homenagens ao guitarrista e compositor Syd Barrett, alma criadora da banda. "Astronomy Domine" e "Shine On, You Crazy Diamond". Apoiado (como de costume) por um deslumbrante acervo de efeitos especiais, o Pink Floyd usou o set inicial para mostrar novas canções ("Take It Back", "Keep Talking"). Pena que, hoje, elas sejam apenas coadjuvantes do evento: em "Lost For Words", o "importante" eram as imagens de pregos e chaves passeando por cima de nuvens brancas.

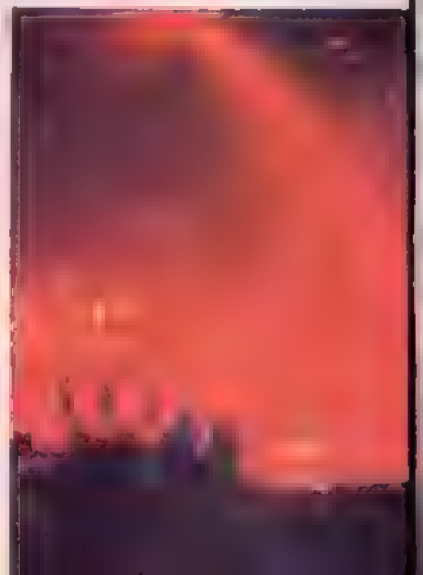
"Breathe", "Time", "Another Brick In The Wall" e "Wish You Were Here" foram reproduzidas nota por nota. A impressão era de que alguém havia ligado uma vitrola e um videocassete: todos os sucessos foram ilustrados com imagens de clips e documentários. Em "Money" (já na segunda parte do show), o efeito sonoro foi mais forte do que o visual: no início da música, os sons de máquina registradora eram a única coisa que se ouvia.

O clímax da noite foi a aparição de dois gigantescos javalis africanos infláveis. De olhos acesos, eles se movimentavam, lentamente, nas laterais do palco. O show terminou com um espetáculo pirotécnico do tipo final de ano na avenida Copacabana.

Na verdade, essas coisas já são tão esperadas nos shows do grupo quanto os solos de guitarra de David Gilmour. Os 55 mil fãs que prestigiaram a banda debaixo de um senhor temporal devem ter gostado. Foram para casa satisfeitos e prontos para comprar o 19º álbum da banda. CRISTINA RUIZ

FICHA TÉCNICA

Local: *Joe Robbie Stadium.*
Publico *55 mil.* ***Som:*** *500KW*
Luz: *500KW*



João Gilberto deu uma de po[illegible] e até pediu palmas...

HEINEKEN CONCERTS

(São Paulo, 11 a 14/4)

PAULINHO DA VIOLA

O *Heineken Concerts* (um festival que juntou grandes nomes da MPB e convidados diversos para *jams* inéditas) começou bem. Paulinho da Viola chamou Gil, Canhoto Da Paraíba e a Velha Guarda Da Portela para uma noite de muito samba e chorinho.

Paulinho chegou, cavaquinho na mão, e, junto com os seis velhinhos de sua banda, costurou a tradição do choro brasileiro. Contando a história de seu encontro com Canhoto, deu a deixa para a entrada do violonista paraibano. Uma locomotiva sonora passou pelo Palace quando eles mandaram "Pisando Em Brasa" (um *baião-choro-a-billy*).

Canhoto saiu e Paulinho iniciou "A Felicidade Vem Depois", de Gil (que logo apareceu). A platéia foi ao êxtase, apesar dos problemas na voz do bom baiano e o som "taquara rachada" do Palace. Fecho de ouro: "No Pagode Do Vavá".

A maior surpresa ficou para o *grand finale*. Mesclando samba e culto religioso, a Velha Guarda fez um lamento para a Portela, que naquele dia completava 71 anos. O banquete acabou com todo mundo entoando "Aquele Abraço", de Gil. Que noite!

Arthur Veríssimo

NANÁ VASCONCELOS

A noite mais concorrida do Heineken (a segunda) foi uma aula. No palco, um *dream team*: Naná Vasconcelos (percussão), Don Cherry (trompete), Vernon Reid (guitarra), Carlos Ward (saxofone), Marçalzinho (percussão), Arthur Maia (baixo) e Hugo Fatorusso (teclados).

A improvisação lenta deu o tom, causando bocejos na platéia. A coisa esquentou, aos poucos, com temas inspirados. O público, maculado por bichos-grilos que tentavam imitar os sons de percussão com as mãos (que ridículo!), chegou ao clímax quando Vernon Reid, o mais aplaudido da noite, fez um solo de cinco minutos.

O jazz tomou conta, e os caras pararam: Cherry assumiu os teclados, Stewart fez *walkin' bass* na tuba e Ward arrasou no sax. A *jam* prosseguiu com *scats* vocais e ritmos brazucas com suíngue de jazz. Inesquecível.

Robert Halfoun

JOÃO GILBERTO

Aproveitei o atraso regulamentar na terceira noite e tirei a tampa da caneta (para que o barulho não incomodasse João Gilberto). Precaução inútil: quem abriu a noite foi sua filha Bebel (que, entre outras, interpretou "Preciso Dizer Que Te Amo", dela e de Cazuza, acompanhada do piano de Steven Sandberg). Além do mais, João estava afável, não se importando nem com aplausos durante as músicas.

João chegou a pedi-los ao tocar "Rosa Morena" para Dorival Caymmi. Brincou ao introduzir "Um Abraço No Bonfá" e, para deixar todo mundo com o queixo mais caído, voltou duas vezes para o bis (no segundo deles, Bebel o acompanhou em "Ai Ioiô").

Quem estava esperando pelo tradicional folclore "gilbertiano" ficou agradavelmente desapontado. Seu forte é o violão – e ele toca cada vez melhor. *Sorry, Mr. Jobim*, mas é João o grande gênio da bossa-nova. E nessa noite o gênio tomou o lugar do genioso.

Ayrton Mugnaini Jr

EGBERTO GISMONTI

O grande azar do guitarrista inglês John McLaughlin foi nunca ter ouvido o conselho "toque devagar!". Ele distribui escalas com a rapidez e parcimônia de uma tropa de PMs dando cacetadas. Isto ficou patente em duas de suas três canjas com mestre Egberto e a eficiente Orquestra Jazz Sinfônica: "Em Família" e "Forró". Só na terceira, "Loro", John mostrou as qualidades que o fizeram tocar com Miles Davis.

Mas a quarta noite do Heineken era de Egberto e de seu repertório (solado ou regido por ele e por outros convidados, como o celista Zeca Assumpção, o Quinteto Paulista De Saxofones, os maestros Nelson Ayres e Gil Jardim, e o bandolinista Joel Nascimento). Teve até homenagem a Mário de Andrade: "Música Registrada Por Meios Não-Mecânicos".

Foi um belo sarau. Tradição e modernidade se entenderam bem, sem concessões fáceis nem academicismos indesejáveis (afinal, vanguarda não é só Frank Zappa). E quanto a McLaughlin: mais três canjas dessas e ele toma jeito.

Ayrton Mugnaini Jr.

FICHA TÉCNICA

Local: Palace. Público: 1,7 mil (por dia). Som: 6KW. Luz: 120 canhões.

A partir da direita, Vernon Reid (Living Colour), Naná e Wa[illegible]

SURFMORE

ONDE

SÃO PAULO:

SANTOS:

GUARUJÁ:

CARAGUATATUBA:
CENTRAL SHOPPING

CAMPINAS:

RIBEIRÃO PRETO:

SOROCABA

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS:

GOIÂNIA:

LONDRINA:

MARINGÁ:

MACEIÓ:

FORTALEZA:
SHOPPING IGUATEMI

SALVADOR:

PORTO SEGURO:

BELÉM:

VITÓRIA:

JUNDIAÍ:

ARACAJÚ:

SÃO CAETANO:
SÃO CAETANO SHOPPING

BREVE:

PÕE NA CONSUL

SEMIBREVES

• O velho *long-playing*, vulgo LP, recusa-se a morrer. Embora o áudio digital ofereça óbvias vantagens, ainda há muita gente que prefere ouvir o som analógico. Nos Estados Unidos, as vendas de toca-discos e cápsulas magnéticas aumentaram desproporcionalmente nos últimos dois anos, apesar da ausência quase total de LPs nas lojas.

• Atento ao mercado, o selo **Mobile Fidelity**, conhecido por seus CDs banhados a ouro com gravações extraídas dos masters originais, está de volta ao negócio dos LPs com o relançamento de *Atom Heart Mother*, do Pink Floyd. Herb Belkin, presidente do selo, garante que a bolacha preta será uma revelação para os fãs do original. "A vantagem é que eu entendo o Pink Floyd", explica ele. "Os engenheiros da Capitol, que gravaram *Atom Heart Mother*, eram provavelmente uns quarentões acostumados a gravar Sinatra, não tinham idéia do que era o Pink Floyd e mixaram o disco como faziam com os outros. Nós consertamos a bagunça." Quem já ouviu conta que o baixo ficou mais profundo e que as passagens orquestrais estão mais ricas e claras.

• *Antiquity* é o nome de uma nova série de captadores da **Seymour Duncan**. São 19 modelos no estilo *vintage*, que servem para substituir os originais usados nas guitarras antigas. Os captadores são feitos com as mesmas técnicas e peças de 35 anos atrás e são artificialmente envelhecidos para atingirem o mesmo visual e sonoridade.

Os audiófilos vivem inventando alguma novidade para melhorar a qualidade sonora do disco. Nessa era digital, a mais recente – pode dar risada – é congelar o CD!

A receita é simples: coloque alguns compact discs em um saco plástico inviolável (desses usados para conservar alimentos) evitando assim a entrada de ar e a consequente condensação das caixinhas e dos próprios discos, e deixe-os no congelador de um dia para o outro. Depois, embrulhe os discos numa toalha e deixe-os na geladeira por outras 24 horas. Pronto. Os audiófilos garantem que vale a pena: o som fica mais focalizado e com um colorido tonal bem superior.

Será? Quais princípios misteriosos da ciência estarão agindo aqui? Essa duvidosa teoria começou nos Estados Unidos há uns três anos, com uma técnica de congelamento muito sofisticada, e tem a ver com o realinhamento das moléculas, que foram montadas sob tremenda pressão e calor durante o processo de fabricação do CD.

Embora simplificado, os experts dizem que o processo doméstico pode dar resultados se feito corretamente por duas vezes. A fase mais importante, segundo eles, é o descongelamento, daí a necessidade dos discos passarem pela geladeira antes de chegarem na temperatura ambiente.

O editor da prestigiada revista inglesa *Audiophile*, Jonathan Kettle, foi um dos que colocaram a "teoria do ge o" em teste. "Sim, eu congelei meus CDs", confessou ele, "e realmente ouvi uma pequena diferença, sim. Mas, na minha opinião, congelar CDs é para um tipo de gente muito particular, se é que você me entende."

Em outras palavras, você precisa ter um senhor equipamento para notar qualquer diferença na qualidade do som. O tipo de coisa para fanáticos, mais preocupados com o equipamento do que exatamente com a música. São esses mesmos caras, aliás, que recomendam congelar também o CD-player – mas aí já é passar da conta. Não tente fazer isso em casa. **L.G.**

No olho da fritação

Depois de cinema tridimensional e do videogame em realidade virtual, chegou a vez do disco em três dimensões

A mesa controladora do RSS: a evolução para o estéreo em 3D

É a holofonia sônica, um novo equipamento usado na fase de pós-produção da gravação de um álbum. O aparelho, batizado Roland Sound Space, cria um ambiente sonoro tridimensional que pode ser ouvido através de qualquer equipamento convencional estereofônico.

Com um simples par de caixas acústicas e um disco gravado nesse sistema, o ouvinte parece estar rodeado pela música. O efeito é impressionante: o som é reproduzido como o ouvimos na natureza, vindo de todas as direções.

O RSS é formado por três módulos (o processador RSS-8048 e dois conversores analógico/digital/analógico) e um controlador (SSC-8004), tudo ao preço de 40 mil dólares. É equipamento para estúdio profissional. Funciona como extensão da mesa de mixagem e começa onde terminam os botões de *pan* (que dividem o som entre os canais esquerdo e direito). Durante a pós-produção, o RSS permite a colocação dos instrumentos musicais em qualquer lugar do espaço tridimensional: acima, abaixo, à frente, atrás, etc. Antes, a mixagem era feita com a paisagem sônica limitada aos lados esquerdo e direito. Agora o som pode ficar atrás do ouvinte, por exemplo.

Isto é possível graças à tecnologia contida no chip VLSI, capaz de processar grande capacidade de informação em altíssima velocidade. Aliado às novas teorias da psicoacústica (o modo como sentimos o som), o aparelho imita o processo de audição humana.

Discos gravados nesse sistema já estão disponíveis no mercado, como *Flash Point* (Rolling Stones), *Dangerous* (Michael Jackson) e *Real Life* (Simple Minds).

3D de garagem

Efeitos circulares de reverber e delay quase semelhantes aos proporcionados pelo RSS já estão ao alcance do estúdio de garagem por um preço dez vezes menor. São os módulos Roland SDE-330 Dimensional Space Delay e SRV 330 Dimensional Space Reverb, ao preço de 2 mil dólares cada. Claro que não oferecem os mesmos recursos do RSS, mas são boas alternativas. A principal diferença é que os efeitos são em 360 graus e em presets de fábrica, que no entanto podem ser alterados ao gosto do freguês. **R.H. e L.G.**

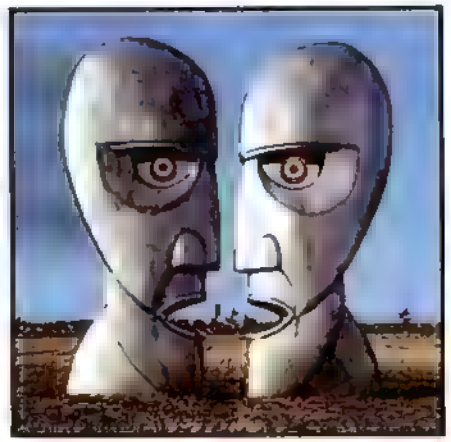
O SEGREDO DO MEU SOM

charles gavin

O baterista dos Titãs revela como faz para "tirar" seu timbre característico dos tambores, ao vivo e no estúdio

"Ao vivo, nunca tenho muito tempo para afinação e passagem de som, por isso uso todas as peles, inclusive a da caixa (da marca Pin Stripe), que, embora extremamente resistente, é muito fácil de afinar. Na afinação, a pele de ataque da caixa é apertada em altíssima tensão – umas duas ou três vezes mais que a de resposta –, e a esteira também. Basicamente, é isso que faz o som soar agudo e pesado ao mesmo tempo. No estúdio, uso as peles da marca Embassador e afino um pouco mais grave do que ao vivo, para as notas soarem melhor. A bateria é sempre montada direto sobre o assoalho e de costas para uma parede de madeira. Ajuda na reverberação. E, com microfones espalhados por todo ambiente, resulta um som bem volumoso."

LANÇAMENTOS



PINK FLOYD

Sony

The Division Bell

Quem quer comer carne vai à churrascaria: macarronada é na cantina italiana. Quem quer ouvir música espacialvambiente ou "viajandona" como se dizia antigamente, põe o Pink Floyd no toca-discos. Pode ser *The Dark Side Of The Moon* ou este *The Division Bell*, o último esforço dos gigantes que se pensava extintos. Mas, como se constata, com o novo disco arrombando os primeiros lugares das listas de sucesso e a turnê lotando estádios sob o patrocínio de uma marca de automóveis, os poderosos dinossauros ainda dominam a Terra. Punk Freud explica .. Há uma diferença de vinte anos entre um disco e outro mas a fórmula, como a da pólvora, continua a mesma. É certo que as letras não carregam mais no surrealismo agourento característico do desertor Roger Waters – agora pegam forte na amargura da dor-de-cotovelo pela perda da mulher amada –, mas seria isso uma evolução? *O Sino Da Divisão* parece mais uma tentativa de restauração de uma antiga peça arqueológica, uma colagem dos cacos de uma época gloriosa. Os ingredientes continuam seodo os andamentos catatônicos, as harmonias de acordes menores, o onipresente coro celestial, os interlúdios espaciais, a guitarra e o violão preguiçosos de David Gilmour. Especiarias exóticas temperam uma e outra música, como os sons terrenos em "Cluster One", a faixa de abertura, ou a citação flamenca em "High Hopes". Predecessor da new age, o som do Pink Floyd está sedimentado no trabalho de Gilmour que, embora não possua a rapidez dos atuais velocistas das seis cordas e abuse dos processadores de efeitos, consegue extrair belos e melodiosos solos de sua Stratocaster. É a marca registrada do grupo. Neste disco encontramos alguns solos viajantes que certamente merecerão transcrições em partitura nas revistas especializadas, particularmente o da faixa instrumental "Marooned", com a guitarra gemendo melancolicamente lá no fundo do espaço-tempo. Outras canções estão estourando no rádio, como "Keepe Talking" e "What Do You Want From Me". Os quarentões – o público alvo do grupo –, que até hoje não conseguiram entender o que o marketing demográfico fez com a música, irão se esbaldar em recordações dos "bons velhos tempos" em que não eram caretas, enquanto os "idoteens", que mal sabem o significado de demografia, irão estranhar a ausência da "podreira" tão do seu agrado.

LL GOMES

DISCOS

SUGAR

Natasha

Copper Blue

Bob Mould para amadores: foi o líder do Husker Du, banda americana que fundiu hardcore com psicodelia e introduziu o violão no punk rock. Gravou sete álbuns até 87.
Discoteca básica: *Zen Arcade* (84), *New Day Rising* (85) e *Candy Apple Grey* (86).
Bob Mould, em carreira solo produziu dois álbuns sem sal, até que – em 92 – voltou ao formato banda com a Sugar.
O primeiro álbum, *Copper Blue*, sai agora por aqui com dois anos de atraso, pela independente Natasha. A sequência da saga de psicomurotonia de Mould, como o nome sugere, faz uma linha do tipo "Como a maçã envenenada da Branca de Neve". Bob Mould canta, com sua voz lanhosa como a de Pete Townshend (The Who), psicopatias de fim de século. Há algumas referências literárias presentes de James Ellroy (como assassinato na faixa "Good Idea") e J. G. Ballard (o tesão por acidentes de carros em "Slick").
A propósito, "Good Idea" não lembra Pixies por acaso. Acontece que Husker Du era a maior influência deles. *Marcel Plasse*

BLACK SABBATH

EMI Odeon

Cross Purposes

Muito cuidado, ouvinte.
Esse novo disco do Black Sabbath deveria vir com uma tarja preta estampada na capa: "Cenas de decadência explícita – Perigo de contaminação".
Cross Purposes é um atentado a quem gosta do bom heavy metal. Algo que passa bem longe da fase de ouro do grupo britânico.

O álbum é um blablablá musical totalmente lotado de clichês do estilo que, ironicamente, foi o próprio Black Sabbath que ajudou a desenvolver.
Pior ainda: além de extremamente sem inspiração e repetitivo, conta com um cretino – Tony Martin – nos vocais, tentando se parecer com o Ronnie James Dio.
Socorro! Alguém me salve desse metal enferrujado!
Como dizia meu avô, uma das grandes virtudes do homem é saber a hora exata de entrar e sair de cena.
Tommy Iommy e Geezer Butler estão perdendo uma grande chance de deixar os fãs orgulhosos, abandonando o showbiz de cabeça erguida. Ou melhor: se sonhar ainda é permitido, os caras poderiam deixar as suas batalhas de ego de lado e tentar se juntar ao velho Ozzy Osbourne para uma turnê histórica.
Quem sabe, até algumas músicas inéditas. Ai, sim, deixariam de ficar servindo de degraus pra um zé mane qualquer.
Aliás, quem é esse tal de Tony Martin? *Robert Hilfouis*

GILBERTO GIL

Unplugged

Warner

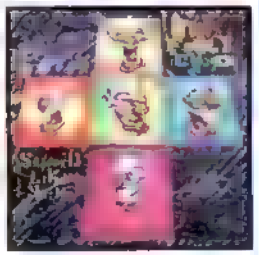
Criado informalmente pela MTV americana em 89, o programa *Unplugged* se tornou uma das ideias mais bem sucedidas do pop americano nos últimos anos. Seu primeiro apresentador, Jules Schear, colocava os músicos diante da possibilidade de produzir versões simplificadas de suas canções, num clima intimista. Eric Clapton, ironicamente o deus da guitarra elétrica, recolocou sua carreira nos eixos e se entupiu de Grammies a partir de um *Acustico* da MTV. Quando Clapton esteve no Brasil, fez uma pausa dos shows tocando violão com Gilberto Gil na casa de André Midani, no Rio de Janeiro. O episódio foi lembrado por Gil durante a sua vez de gravar um *Unplugged*, produzido pela MTV brasileira, com uma pequena assessoria técnica da matriz. Além de render um programa exibido à exaustão por aqui, este *Acustico* resultou num CD distribuído no Brasil, na Europa e nos EUA. Gil, antes de começar a sua gravação, acompanhado por uma ótima banda, lembrou a redundância que este formato representava para ele, que sempre compôs a partir do violão.
Pois o que fez a seguir foi justamente dar um drible desconcertante no óbvio. Escolheu um repertório de dezesseis canções que é uma feliz antologia com os seus melhores momentos. As edições americana e européia terão o acréscimo da faixa "The Secret Life Of The Plants", de Stevie Wonder. Gil alterou sutilmente os arranjos e, em alguns casos, aproximou-se da música regional – como na arrepiante homenagem-citação a Luiz Gonzaga em "Expresso 2222", convertida num eletrizante baião. Artifício que reaparece em "Parabolicamará", faixa transfigurada para um coco arretado. Gil e sua banda reabilitaram instrumentos tradicionais brasileiros, como o cavaquinho, e recriaram um dos repertórios mais ricos da MPB. Quando podia ser apenas burocrático, Gil foi, outra vez, ousado e moderno, mesmo que isso possa parecer – paradoxalmente – o reencontro com algumas de suas raízes mais caras.
Celso Fonseca

INFECTIOUS GROOVES

Sony

Groove Family Cyco

Olha' Os Red Hot Chili Peppers deixaram as palavras e as baixices de lado e resolveram fazer um som decente? Não, são os Infectious Grooves que estão fazendo o melhor funk metal da cidade. Mike Muir e asseclas escaparam em *Groove Family Cyco* o humor e a bandalheira sonora detonada pelos Peppers.
As músicas são pesadas, com grooves violentos e estilingadas tiradas com força pelo baixista Robert Trujillo (assim como Muir outro ex-Suicidal Tendencies).
Cada som é um jorro de porrada e adrenalina, de estourar os ouvidos de quem ousar escutar o álbum no walkman. "Violent And Funky" a hardcore "Frustated Again", além de "Rules Go Out The Window" com seu refrão cantado em coro. Outra faixa para se curtir é "Made It", de levada meio jazzística, que termina com a moçada cantando como se estivesse numa festa de bêbados. *Sergio Martins*



INOCENTES

Eldorado

Subterrâneos

Há dois modos para você ouvir esse novo LP dos Inocentes – e ambos são decepcionantes.
Volte aos anos 80, para aqueles shows coletivos que rolavam no Centro Cultural Vergueiro, em São Paulo. Cabelos espetados dançavam, subiam ao palco, roubavam o microfone do

Ciumento, passavam na plateia. Era um pau só, ingênuo. Ouça agora *Subterrâneos*. Eles estão mais velhos, mais competentes nos instrumentos – e menos criativos. É brochante.
O outro modo é insenvolos no que está rolando... Letras esquisitas, existenciais, filosofia negativa de Gustav Jung misturada com anarquismo antropológico. Essa dualidade ecológica

Algumas músicas até que agradam, como "Desequilíbrio" e "Tudo Bem". Mas é pouco para as quatorze faixas do CD (o LP tem apenas dez). Basta dizer que Panico Em NY é a música que as emissoras de rádio estão escolhendo para divulgar esse novo à bem. Quem nunca ouviu os caras poderá até gostar, mas é nossa obrigação informar o leitor que o som é sério, bem velho. *Marcio Gra*

DWIGHT YOAKAM

Warner/Continental

This Time

RANDY TRAVIS

Warner/Continental

Wind On The Wire

TRAVIS TRITT

Warner/Continental

T-r-o-u-b-l-e

JOHN M. MONTGOMERY

Warner/Continental

Life's A Dance

TRACY LAWRENCE

Warner/Continental

Alibis

LITTLE TEXAS

Warner/Continental

Big Time

Este pacote de discos – chamado de *New Country Rock* – almeja divulgar por aqui o estilo, muito popular nos EUA. O *press release* diz: "São seis artistas que representam o que há de mais moderno no movimento...".
Na verdade, a única exceção honrosa fica por conta de Dwight Yoakam, que faz um cruzamento sofisticado entre melodias tradicionais e pop rock, com letras espertas e uma voz que tangencia a de Roy Orbison – vide a faixa-título, "A Thousand Miles From Nowhere", "Pocket Of A Clown" e "Home For Sale". Fora ele, os demais mostram basicamente canções alheias e – pior – alguns se parecem com um Chitãozinho à procura de um Xororó.
Randy Travis (que já teve discos editados por aqui) se segura com bons vocais e um country puxado para as raízes, em canções como "Cowboy Boogie" e "The Old Chisholm Trail". Travis Tritt – apesar de às vezes soa como uma especie de Bruce Springsteen "meia-bomba" – até que engana bem, contando com uma mãozinha de Gary Rossington, o ex-guitarrista do Lynyrd Skynyrd, medalhão do rock sulista. John Michael Montgomery e Tracy Lawrence, porem, afundam as botas no estrume, repetindo *ad infinitum* os mais batidos clichês do genero e capricham naquele visual de "cowboy de butique".
No caso o sexteto Little Texas, então, o cheiro de armação é indisfarçavel. O grupo parece um cruzamento improvavel de ZZ Top com Duran Duran, fazendo temas para comerciais de cigarros. Ou seja, acerte com Dwight Yoakam ou arrisque em um dos Travis – o Randy ou o Tritt. *Celso Pucci*

DISCOS

NAILBOMB

Roadrunnwe

Point Blank

Esporro em família? A origem da banda paulista Nailbomb é ligada pelo porta voz do Sepultura, Max Cavalera e seu genro Alex Newport (guitarra e voz do Fudge Tunnel), remonta a 92, quando os dois se conheceram,

numa excursão, e tiveram a idéia de fazer uma zoeira juntos sem muitas horas de estúdio. O resultado é tão brutal como *Chaos A.D.*, do Sepultura. A dupla despeja todo seu inconformismo contra a televisão, religião, ambos se revezando nos vocais. Mete no liquidificador thrash, death metal, hardcore e som industrial. Tem samplers e algumas batidas hipnóticas como Ministry, sim, mas muito mais guitarras. Do Sepultura, o Nailbomb tem Max, participações de Igor e Andreas num trechinho de "Dear Embryonic Cells" – só no CD, dez minutos depois da última música – e ainda retirões tortíssimos.

Lançado em março, *Point Blank* é um dos discos mais odiosos do ano, ao lado do novo Pantera e certamente do futuro Slayer. Curtas como "Cockroaches", "Sick Life", "World Of Shit" e "War Torn No Cause", são provas duras mesmo para os pescoços daqueles headbangers mais treinados.

João Ricardo Lobo

ARISMAR DO ESPÍRITO SANTO

Velas

Neste mundo de guitarristas, tecladistas e batuqueiros, mais cedo ou mais tarde a gente acaba percebendo a importância de heróis como Paul McCartney, Jack Bruce, John Entwistle, Tom Fowler, Stuart Hamm, Jaco Pastorius, Patrick O'Hearn, Lemmy – e isso mesmo, os reis da bateria.

Para não falar em Charles Mingus, Ron Carter e outros não-toqueiros que influenciaram inclusive o rock. E o santista Arismar, que já gravou de tudo com todo mundo, chega finalmente ao seu primeiro disco-solo, trazendo interessantes composições próprias e belos arranjos – ou melhor, reconstruções – para clássicos da MPB como "Ai Ioiô" (Henrique Vogeler/Luiz Peixoto) e "Lamentos" (Pixinguinha). Arismar é dos que nem precisam de banda, mas temos aqui amigos à altura, como a

pianista Sílvia Góes, Hermeto Pascoal, Hera do Go Monte e Duo. Um disco ideal para quem acha que a Bíblia bem poderia ter sido escrita em clave de fá. *Arnaldo Miguel Jr.*

JOMANDA

Warner

Nubia Soul

A primeira coisa que você pensa quando olha a capa de *Nubia Soul* é lembra o En Vogue. Mesmo que o Jomanda seja formado por apenas três integrantes – as beldades Cheri, Renee e Joanne –, não deixa de ser um pensamento pertinente. Elas têm vozes superafinadas e balanço envolvente. Jomanda faz parte da nova safra da *soul music* americana que, embora não esteja tão em evidência na mídia quanto o rap, é um estilo com público bem fiel. O que incomoda nesse novo sou é a padronização dos arranjos, algo bem presente em *Nubia Soul*. Por exemplo, ao ler a ficha técnica da faixa "Tell Me (Watcha Gonna Do)", vê-se que ela traz samplers de George Clinton e Kool And The Gang. Mas na prática, tudo isso acaba sendo diluído em meio a teclados e batidas manjadas.

Os melhores momentos do disco

ficam por conta de faixas como "Don't Deny", "I Like It" e "Life", que têm um toque mais techno e segura bem numa pista de dança. Nada que o En Vogue não faça melhor. *Jeferson de Sousa*

RAIMUNDOS

Banguela

Raimundos

Cena 1: estúdio Be Bop, sede informal do selo Banguela (o filho bastardo da Warner, parido pelos Titãs e por Carlos Eduardo Miranda). Oto, percussionista da Mundo Livre S/A (uma das contratadas do selo), tenta achar o andamento certo para seu pandeiro. Faz mais de uma hora que ele repete um trecho de trinta segundos. Corta. *Flashback* para Raimundos, no mesmo estúdio. Achado o timbre certo, Fred, Canisso, Digão e Rodolfo mandam pau: são quatorze músicas para gravar em apenas um mês. Pano rápido.

Não se deixe enganar pelo cineminha, leitor: o tal forró-core dos Raimundos é, sim, esporrento, um-dois-três-quatro - mas ficou superbom em disco. Da faixa de abertura, "Puteiro Em João Pessoa" ("Foi num puteiro em João Pessoa/Descobri que a vida é boa/Foi minha primeira vez"), a "Selim", que fecha o álbum, Raimundos saiu redondo, furioso – e cheio do sotaque nordestino que fez a fama descolada dos meninos. Apimentado por detalhes que fazem a diferença (como a participação do forrozeiro emérito Zenilton e a caveirinha cangaceira que ilustra a contracapa), Raimundos, o disco, é para todos aqueles que davam o rock brasileiro como defunto "irressuscitável". Audição recomendada para quem acha que a inexperiência e o grau de ruído são inimigos da perfeição. *Gabriela Dias*

SPIN DOCTORS

Sony

Homebelly Groove

Quando eles lançaram o disco de estréia – *Pocket Full Of Kryptonite* – quase ninguém deu bola. Misteriosamente, no entanto, um ano depois o disco estourou nas paradas e vendeu mais de seis milhões de cópias. E a gravadora, que não colocava muita fé no grupo, resolveu apostar suas fichas e despachou para a praça *Homebelly Groove*, álbum que reúne shows gravados em 90 e 92. Pode-se argumentar que o registro de dois ou quatro anos

atrás não corresponde ao que a banda é hoje. Nada disso. No caso dos Spin Doctors, trata-se da mesmíssima coisa. O único mérito de *Homebelly Groove* é mostrar que o grupo do vocalista Christopher Barron é realmente competente no que diz respeito a técnica. Faixas como "What Time Is It? Off My Line", "Freeway Of The Plains/Lady Kerosene" e "Refrigerator Car" deixam a impressão de um Living Colour mais viajandão – aliás, o disco é recheado por imensos solos de guitarra. Não aparece o hit "Two Princess", mas tem um monte de piadinhas bestas contadas por Barron. Nem tudo é perfeito. *J.S.*

REDD KROSS

PolyGram

PhaseShifter

Tem domingos que você brigou com a namorada, não tem porra nenhuma para fazer e está de saco cheio do mundo. Pra esses dias, existe coisa melhor do que ficar em casa, chapadão, vendo a vida passar pela janela? Tem. Quando o estoque de "bombas" não corre o perigo de acabar e o som que rola no aparelho é tão maluco quanto você, nesse clima de *private party*, o álbum *Phaseshifter* do Redd Kross cai como uma luva. É *revival* de Beatles com tratamento modernete. Alegrinho e pop em alguns momentos, pesadão em outros.

O fato de serem californianos e de terem lançado uma pá de discos punk na década passada, garante as guitarras sujas e distorcidas. Mas isso não tira a semelhança com o som dos garotos de Liverpool.

A diferença está mais na irreverência, peso, passagens meio "xaháticas" – e os caras provavelmente usam drogas mais pesadas. O resto é igual: a equalização e os timbres vocais, as seqüências harmônicas e melódicas e, principalmente, o clima britânico que envolve quase todas as músicas que estão no disco. *R.H.*

INDEX

O QUE ESTÁ CHEGANDO NAS LOJAS

POP/ROCK

BANDIDA
Atitudes
Antídoto Records • vinil/CD

CANNED HEAT
Rollin & Tumblin
Eldorado • vinil/CD/cassete

CHRIS REA
Espresso Logic
Eastwest/Warner • CD

CLUTCH
Transnational Speedway League, Anthems, Anecdotes And Undeniable Truths
Eastwest/Warner • CD

D.F.C.
Tchan Nan Nan Nan Nan
Eldorado • vinil/CD

D:REAM
D:ream On Vol. 1
Magnet/Warner • CD

DAS EFX
Straight Up Sewnside
Eastwest/Warner • CD

FOR LOVE NOT LISA
Merge
Eastwest/Warner • CD

HEITOR T P
Heitor TP
Eastwest/Warner • CD

HOUSE OF LARGE SIZES
My Ass-Kicking Life
Columbia/Sony • vinil/CD/cassete

INOCENTES
Subterrâneos
Eldorado • vinil/CD

JOMANDA
Nubia Soul
Atlantic/Warner • CD

LOREENA McKENNITT
The Mask And Mirror
Warner • CD

MÖTLEY CRÜE
61534-2
Elektra/Warner • CD

OFRA HAZA
Kirya
Eastwest/Warner • CD

P.U.S.
Sin Is The Only Salvation
Eldorado • vinil/CD

PINK FLOYD
The Division Bell
Columbia/Sony • vinil/CD/cassete

PRONG
Cleansing
Epic/Sony • vinil/CD/cassete

SAIGON KICK
Water
Atlantic/Warner • CD

TECHNOTRONIC
The Greatest Hits
PolyGram • vinil/CD/cassete

THE MISSION
Sum And Substance
Vertigo/PolyGram • vinil/CD/cassete

TO BE CONTINUED...
Free To Be
Eastwest/Warner • CD

WILD 'T' AND THE SPIRIT
Grun Blood
Warner • CD

X-RATED
Dare Safe Sex Disorder
Polvo Discos • CD

MPB

BADEN POWELL
Mestres da MPB
Warner • vinil/CD/cassete

GILBERTO GIL
Unplugged
Warner • vinil/CD/cassete

GONZAGUINHA
Mestres da MPB
Warner • vinil/CD/cassete

JAMELÃO
Minhas Andanças
RGE • vinil/CD/cassete

BOLSA DE DISCOS

Média	Disco										
8,50	GURU • *Jazzmatazz* • EMI-Odeon	8	9	7	10	9	9	10	7	8	8
8,40	PAVEMENT • *Crooked Rain, Crooked Rain* • Natasha	9	9	8	8	7	9	10	9	8	7
7,70	DR. DRE • *The Chronic* • Warner	7	7	6	8	7	9	8	6	9	10
7,60	PRONG • *Cleansing* • Sony	9	8	8	8	7	8	6	7	8	7
7,50	M PEOPLE • *Elegant Slumming* • EMI-Odeon	9	7	•	•	8	•	•	6	•	•
7,33	BABES IN TOYLAND • *Fontanelle* • Warner	6	7	8	9	5	•	7	8	7	9
7,33	CONCRETE BLONDE • *Mexican Moon* • EMI-Odeon	8	7	8	•	6	8	6	8	7	8
6,42	GANGRENA GASOSA • *Welcome To Terreiro* • Rock It!	•	6	7	7	•	7	5	7	•	6
6,40	P.U.S. • *Sin Is The Only Salvation* • Eldorado	•	6	7	•	•	6	6	7	•	•
6,00	DEPECHE MODE • *Songs Of Faith... Live* • Warner	6	8	6	•	6	4	6	7	•	5

alta rotação

A REDAÇÃO RECOMENDA

O primeiro trabalho da **TRIBO DE JAH**, lançado em vinil, era ultra-maranhense. Distribuído de mão em mão, tocou nas rádios de São Luís. [illegible] capitais do Nordeste, levou os meninos até o Jô Soares... Pouco para uma banda tão boa. O segundo disco, *Roots Reggae*, [illegible] nasce em CD, com capa de luxo e [illegible] internacional (músicas em inglês, francês e espanhol). É o reggae mais bem tocado do Brasil (e boicotado com o [illegible] nas grandes gravadoras). Contatos em São Luís (098) 227 [illegible] ou São Paulo (011) 256 3573. *O R*

Confesso aos leitores que [illegible] disco, mas hoje ponho minha mão no fogo. Não só por eu ser fã desse mestre versado em country, blues e outras raízes. Mas quando **J.J.CALE** deixa seu *trailer* no deserto da Califórnia e entra num estúdio, sempre sai algo de que eu gosto. O mais recente [illegible] *Closer To You* (Dekabel/Virgin). Toque para a [illegible] "Trapeze", fique esperto! *C P*

THE MISSION é ideal para quem tem senso de humor: os ex-The Sisters Of Mercy Wayne Hussey (guitarra e vocal) e Craig Adams (baixo) costumavam se vestir de preto e colocar em seu som boas doses de metal e hard rock dos anos 70. A coletânea *Sum And Substance* (PolyGram) traz boas coisas da [illegible] "Wasteland", "Tower Of Strength" e "Severina" [illegible] trata-se de uma [illegible] do grupo. Deleite-se as faixas de *Moss*, um dos piores álbuns da banda. *S M*

Um pirata histórico: *Ozzy Meets The Priest*, gravado num show comemorativo, registra o dia em que Rob Halford (ex-Judas) assumiu os vocais do **BLACK SABBATH**. O cara canta nove músicas, entre elas "Symptom Of The Universe", "Heaven And Hell" e "Neon Knights". Depois, Ozzy e o batera Bill Ward se juntaram a eles para interpretar "Iron Man", "Paranoid" e "Fairy Wear Boots". A qualidade técnica é bem legal. *R H*

Fica ligado: esqueça o papo sobre apologia da maconha e dê uma orelhada no **PLANET HEMP**. Rap [illegible] com [illegible] energia [illegible] inteligentes. Telefone já: telefone pa (021) 265-9787, com Bernardo. *G D*

ARQUIVO PESSOAL

JOHNNY RAMONE (Ramones)

OS DEZ RECENTES

1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible] • *Superunknown* (94) • A&M
5 [illegible] • *Lust Stretch* (93) • [illegible]
6 [illegible] • *In Utero* (93) • DGC/Geffen
7 SMASHING PUMPKINS • *Siamese Dream* (93) • Virgin
8 MOTORHEAD • *Bastards* (93) • [illegible]
9 RAMONES • *Acid Eaters* (93) • EMI-Odeon
10 RAMONES • *Rocket To Russia* (77) • Sire/Warner

OS DEZ ETERNOS

1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]
6 [illegible]
7 [illegible]
8 [illegible]
9 [illegible]
10 [illegible]

LEITORES

1 PEARL JAM • *Vs.* • Sony
2 GABRIEL O PENSADOR • *Gabriel O Pensador* • Sony
3 LEGIÃO URBANA • *O Descobrimento Do Brasil* • EMI-Odeon
4 RADIOHEAD • *Pablo Honey* • EMI-Odeon
5 SOUL ASYLUM • *Grave Dancers Union* • Sony
6 4 NON BLONDES • *Bigger, Better, Faster, More!* • Warner
7 NIRVANA • *In Utero* • Geffen
8 [illegible] • *Arcanjos* • [illegible]
9 SOUNDGARDEN • *Superunknown* • PolyGram
10 U2 • *Zooropa* • [illegible]

Mudanças na parada dos leitores: Sepultura, Björk, Blind Melon, New Order e Stark [illegible]. [illegible] para a Parada Dos Leitores. O endereço é av. Nações Unidas, 5.777, CEP 05479-900, São Paulo-SP. [illegible]

LOJAS

GERAL

1 PINK FLOYD • *The Division Bell* • Sony
2 RUSH • *Counterparts* • Warner
3 AEROSMITH • *Get A Grip* • BMG-Ariola
4 [illegible] • *War Of Words* • Sony
5 VÁRIOS • *Judgment Night* • Sony
6 RATOS DE PORÃO • *Just Another Crime...* • Roadrunner
7 BLACK SABBATH • *Cross Purposes* • EMI-Odeon
8 NAILBOMB • *Point Blank* • Roadrunner
9 SOUNDGARDEN • *Superunknown* • PolyGram
10 IRON MAIDEN • *A Real Live One* • EMI-Odeon

INDEPENDENTE

1 AMEN CORNER • *Fall Avantro* • [illegible]
2 GAROTOS PODRES • *Canções Para Ninar* • Radical
3 DFC • *Terror Não Não Não Não* • [illegible]
4 ISRAEL NAZARETH • [illegible]
5 [illegible] • [illegible]
6 OVERDOSE • *Progress Of Decadence* • [illegible]
7 MATO GRU • [illegible] • Cogumelo
8 RACIONAIS MC's • *Raio X Brasil* • Zimbabwe
9 [illegible]
10 CÂMBIO NEGRO • *Câmbio Negro* • [illegible]

Lojas consultadas: [illegible]

parada

EUA

1 BONNIE RAITT • *Longing In Their Hearts* • Capitol
2 ACE OF BASE • *The Sign* • Arista
3 VÁRIOS • *Above The Rim* • Capitol
4 COUNTING CROWS • *August & Everything After* • DGC/Geffen
5 R. KELLY • *12 Play* • Jive
6 MARIAH CAREY • *Music Box* • Columbia
7 CELINE DION • *The Colour Of My Love* • Epic
8 [illegible]
9 [illegible]
10 [illegible]

GB

1 [illegible]
2 PRIMAL SCREAM • [illegible]
3 ACE OF BASE • *Happy Nation* • [illegible]
4 MARIAH CAREY • *Music Box* • Columbia
5 MARVIN GAYE • *The Very Best Of Marvin Gaye* • Motown
6 THE BEAUTIFUL SOUTH • *Miaow* • [illegible]
7 MONKS CHOIR [illegible] • [illegible] Gregoriano • EMI
8 ENIGMA • *The Cross Of Changes* • [illegible]
9 M PEOPLE • *Elegant Slumming* • RCA
10 [illegible]

[illegible]

1 R. KELLY • [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]
6 [illegible]
7 [illegible]
8 [illegible]
9 [illegible] MARX • [illegible]
10 BRUCE SPRINGSTEEN • *Streets Of Philadelphia* • Columbia

GB Independente

1 APHEX TWIN • *Selected Ambient Works* [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]
6 [illegible]
7 [illegible]
8 [illegible]
9 [illegible]
10 [illegible]

REPLAY
NACIONAL

O baterista Mitch Mitchell e o baixista Noel Redding, ao lado de Jimi Hendrix

COMO BEIJAR O CÉU

O maior guitarrista de todos os tempos em reedições muito especiais

Uma névoa purpura aterrissou sobre a filial brazuca da PolyGram, iluminando os responsáveis pelas edições internacionais da gravadora. Tanto que importaram – em numero limitado – os três quartos essenciais da caixa que a matriz lançou em 93, abordando o trio **THE JIMI HENDRIX EXPERIENCE**.

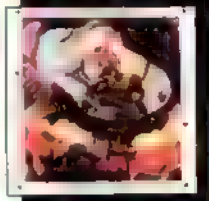
Do pacote – oferecido como caixa ou em itens avulsos no exterior –, apenas a coletânea *The Ultimate Experience* ficou de fora. À disposição do publico brasileiro, estão os discos **Are You Experienced?**, **Axis: Bold As Love** (ambos editados em 67) e **Electric Ladyland** (68), os únicos que Jimi gravou com o grupo Experience (o baixista Noel Redding e o baterista Mitch Mitchell) na dobradinha 67/68.

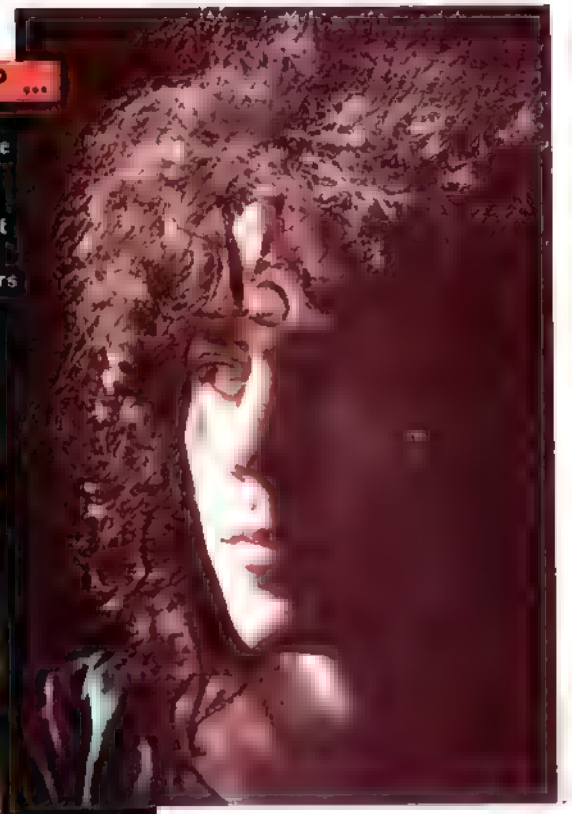
Não bastasse a gloriosa remasterização das faixas, ou a adição delas (o album de estréia, por exemplo, vem com os três singles anteriores), há muito mais perolas. Nas *liner notes* de Michael Fairbanks, são alinhavadas declarações e analises faixa a faixa, feitas por Redding, Mitchell, Chas Chandler (ex-baixista do grupo The Animals, que virou produtor/empresario de Jimi), Eddie Kramer (engenheiro de som dos discos do Experience), outros astros do rock (Little Richard, Eric Burdon) e – especialmente – Hendrix. O texto, enriquecido com trechos dos principais magazines musicais da época, explicita as especificações técnicas que Jimi usava para obter seu som – tipo a criação de arranjos, truques com amplificadores, manhas de gravação e o uso de pedais como oitavador, *fuzz*, *wah-wah*, etc. (que se o guitarrista não foi o pioneiro na utilização, na certa foi o mais criativo). Mas tem mais: os textos também revelam curiosidades como Hendrix ter sido um grande impulsionador das rádios piratas britânicas da época (as unicas com perfil para tocar faixas como "Stone Free" e "Purple Haze", já que as emissoras legais não se atreviam a executá-las). Ou mesmo Jimi ter sido inspirado pelos dois primeiros episódios do seriado *Jornada Nas Estrelas* (que assistiu em uma de suas passagens por Nova York), para compor "Third Stone From The Sun".

Enfim, tudo muito legal, mas tratando-se de Jimi Hendrix, o climax está em sua musica, eterna e inigualável. CELSO PUCCI

GLITTER, BLUES, POP...

O glamour de Marc Bolan, o som cru do Canned Heat e os hits dos Everly Brothers





Marc Bolan à frente do T.Rex: o "guru do mal" detona seu boogie no começo dos anos 70

A gravadora Eldorado lembrou de três nomes que há muito tempo não tinham quase nada dos respectivos trabalhos lançados por aqui.

Os CDs – imperdíveis por sinal – são **20th Century Boy**, do inglês **MARC BOLAN** (junto com sua banda, **T.REX**), **Rollin' And Tumblin'**, do grupo americano **CANNED HEAT** e **Wake Up, Little Suzy**, da dupla **THE EVERLY BROTHERS**.

O disco de Bolan engloba o período em que ele assinou com a EMI inglesa, no início de 72. Por isso, se você espera encontrar "Get It On (Bang A Gong)" ou "Jeepster", esqueça. Mas não importa, o cara trouxe energia, estilo e *glamour* ao tedioso cenário musical inglês da época – dominado por babas progressivas. E o som dele fica melhor, com o passar do tempo. Basta ouvir hinos como "Metal Guru", "Solid Gold, Easy Action" e "London Boys".

Já o Canned Heat era uma banda gozada. Na Califórnia de 65, todo mundo era psicodélico. Porém, o grupo preferia o blues castiço. Eles eram influenciados pelas bandas inglesas do estilo, inventado por americanos. Este anticonvencionalismo – que era o charme do conjunto – passava longe do virtuosismo.

No CD há versões para clássicos de Elmore James ("Dust My Broom"), Muddy Waters ("Rollin' And Tumblin") e Bo Diddley ("Pretty Thing"), entre outras. Para se relembrar dos falecidos Bob Hite e Al Wilson – vocalista e guitarrista, respectivamente desta boa banda. Por sua vez, os irmãos Don e Phil Everly foram sucesso pop na virada dos anos 50/60. Nesta coletânea, há "Bye, Bye Love", "Bird Dog" e a faixa-título. Influências de The Beatles, Simon And Garfunkel e outros. PAULO CAVALCANTI

DANCIN' DAYS

Ressurge em CD a trilha do apogeu da era disco

Travolta e Karen Lynn: fervendo em 77

Nos anos 70, quem não enveredava pelos caminhos do heavy metal ou da bicho-grilagem, entrava na turma dos cocotas.

Sapatinho bico fino e camisas da moda, a trilha dessa moçada era **Saturday Night Fever** (agora relançada em CD por aqui pela PolyGram), feita pelo grupo australiano **THE BEE GEES** para o filme estrelado por John Travolta – na época, o galã da vez/alterada – que no Brasil saiu com o título de *Os Embalos De Sabado À Noite*.

A fita, não passava de mediana e volta e meia passa nas madrugadas da televisão. A trilha, pelo contrário, era o paraíso dos cocotas. Tinha altos funks pra galera dançar (tente não se requebrar ao som de Disco Inferno", com **THE TRAMPPS**) além das sonzeiras dançantes feitas sob medida pelos Bee Gees para Travolta mostrar seus dotes de dançarino –como 'Stayin' Alive", "You Should Be Dancin' e 'Night Fever". O disco também tinha a participação de outros bons nomes da era disco, como é o caso de **YVONNE ELLIMAN**, **TAVARES** e **KC AND THE SUNSHINE BAND**. Depois dos balanços, rolavam pausas para os amassos com "How Deep Is Your Love" e "More Than A Woman". Uma trilha para quem viveu de verdade os anos 70 e o apogeu da era disco. SERGIO MARTINS

Disco pirata de um dos criadores do thrash metal em versão oficial

Existem algumas bandas e discos básicos na história do rock, obras a partir das quais, certos estilos nunca mais foram os mesmos. **Show No Mercy** (Metal Blade) do **SLAYER**, é um destes albuns

Era 84. O heavy metal vivia um momento decisivo. Depois do embalo pesado dos anos 70 com Black Sabbath, Led Zeppelin & Cia., a *NWOBHM (New Wave Of British Heavy Metal)*, contaminava a maior parte dos toca-discos de quem queria ouvir um som mais pesado. As guitarras trabalhadas e os vocais melodiosos – características do estilo – começavam a dar no saco. O publico queria mais! Era hora de mudanças. Ai surgiu o Slayer. Incorporando a agressividade do punk rock, acelerando a batida do metal (tornando-a quase hardcore) e criando uma nova linguagem para guitarras, com esse disco (que foi lançado no Brasil por aqui em versão pirata). Agora ele está saindo – inclusive por aqui – pelo selo Roadrunner somado ao EP **Hauting The Chapel** (que inclui classicos como "Chemical Warfare" e "Captor Of Sin"). A partir do Slayer, surgiu a denominação speed e mais tarde thrash metal e vieram zilhões de bandas bebendo na fonte do grupo e outras tantas influenciadas pelo som da banda. Uma revolução acontecia no universo da musica pesada. Os poucos que, na época, acharam o novo som barulhento, mais tarde passaram entender essa linguagem, ou deixaram de gostar de metal e passaram a balançar o rabo com reggae e coisas parecidas.

Musicas como "Die By The Sword", "Antichrist", "Evil Has No Boundaries" e "Cryonics", são básicas e eternamente fodonas. E não podem faltar em nenhuma discoteca de heavy metal que se preze. ROBERT HAUFOUN

NAS PARADAS DOS ANOS 50 E 60

A voz de Brenda Lee, Chubby Checker com seu ritmo e os grupos de Joey Dee e de Little Anthony: *old times are back!*

Chegam às lojas boas novidades para os colecionadores e fãs do rock pop dos anos 50 e começo dos 60. O Mauricio Produções, selo independente paulista, vem com **Greatest Hits Live**, um show ao vivo realizado em 78 pela cantora **BRENDA LEE**. No maior pique a baixinha lembra de seus velhos sucessos como "I'm Sorry", "All Alone Am I" e "Jambalaya".

Já a gravadora portuguesa Movieplay coloca todo mundo para dançar com uma coletânea de **CHUBBY CHECKER**, o rei do twist com "The Twist", "Pony Time" e "Let's Twist Again" e outras. E lança **Hot Pastrami**, com **JOEY DEE AND THE STARLIGHTERS**, um dos grandes nomes do twist que estourou com a musica "Peppermint Twist", e **LITTLE ANTHONY AND THE IMPERIALS**, imortal grupo de doo wop, que se consagrou no hit "Tears On My Pillow". PAULO CAVALCANTI

ARREBENTANDO CORAÇÕES

Tom Petty, nome essencial do country rock safra 70 surge em boa coletânea

Entre disco, pop comercial e punk militista, predominantes em 76, **TOM PETTY AND THE HEARTBREAKERS** optaram pelas raizes do rock americano com sotaque country, sem cair em uma caricatura xerox. Nadando contra a corrente, o grupo tornou-se o elo perdido entre The Byrds e o R.E.M., ganhando a admiração de Bob Dylan, George Harrison, Roger McGuinn e outros.

Uma trajetoria mapeada por **Greatest Hits** (MCA), agora disponivel no Brasil pela BMG-Ariola. São dezenove faixas, sendo duas inéditas. Uma delas é "Mary Jane's Last Dance", com direito a um clip de humor negro, com a estrela Kim Bassinger "vivendo" a Mary Jane defunta. A outra é a canção beatlemaniaca "Something In The Air".

O que resta é um mergulho no acervo do cantor/guitarrista/compositor, junto aos fiés escudeiros: Mike Campbell (guitarra e o que pintar na mão), Belmont Tench (teclados), Ron Blair (depois Howie Epstein, no baixo) e Stan Lynch (bateria).

O CD centra fogo nos melhores álbuns da banda: *Tom Petty And The Heartbreakers* (76), *Damn The Torpedoes* (79) e o "solo pero no mucho" de Tom, *Full Moon Fever* (89), no qual voltou à boa forma, após trabalhos medianos. "Don't Do Me Like That", "Refugee", "American Girl", "Free Fallin'", "Learning To Fly"... Os caras mereciam ser mais ouvidos no Brasil. E a chance é esta. FABIAN CHACUR

Quem curte **THE KINKS** nos early '60, quando o quarteto rivalizava com Rolling Stones, The Who e o Them como o grupo britânico mais raivoso e "casca grossa", pode até não apreciar o CD **Come Dancing With The Kinks (The Best Of The Kinks: 1977-1986)**.

A coletânea (BMG-Ariola) traz o combo de Ray Davies a partir do fim dos anos 70, na ativa e com prestigio no *showbiz*, haja visto as covers deles feitas por Van Halen, The Jam e The Pretenders (cuja líder, Chryssie Hynde, se casaria posteriormente com Ray).

O repertório é centrado em sucessos menores – "A Rock'N'Roll Fantasy", "Better Things" –, mas tem "Come Dancing" (de 83, o maior hit dos caras desde 65!), além de "Living On The Thin Line", de Dave Davies, irmão de Ray. O disco ainda relembra os velhos tempos, com versões ao vivo de "You Really Got Me" e "Lola". E há faixas raras – "Long Distance" e "Father Christmas", inéditas em álbuns. CELSO PUCCI

REPLAY
INTERNACIONAL

PÁTIO DOS MILAGRES

Caixa resgata obra de um dos fundadores do selo Motown

Smokey Robinson, em destaque (no alto) e na roda, à frente dos seus The Miracles

Muito se fala de **SMOKEY ROBINSON AND THE MIRACLES**. Do líder, de "maior poeta vivo da América" – dito num momento de lucidez de Bob Dylan –, ate baladeiro irresistível e produtor de grupos (The Temptations, The Four Tops) a cantores como Marvin Gaye, se diz maravilhas. Confira se os títulos são verdadeiros com a caixa **The 35th Anniversary Collection** (Motown).

O grupo nasceu em Detroit, em 54, numa união de duas bandas de doo wop: The Chimes e The Matadors. Smokey, então aos 14 anos, impressionava pelo falsete e pela liderança natural sobre o grupo. A formação era Smokey, Ronnie White, Peter Moore, Bobby Rogers e Claudete Rogers, que mais tarde iria virar a sra. Robinson. Tres anos depois, mostraram canções ao soulman Jackie Wilson, que foram recusadas, mas interessaram ao empresario do cantor, Berry Gordy. O que veio em seguida foi a própria história da Motown.

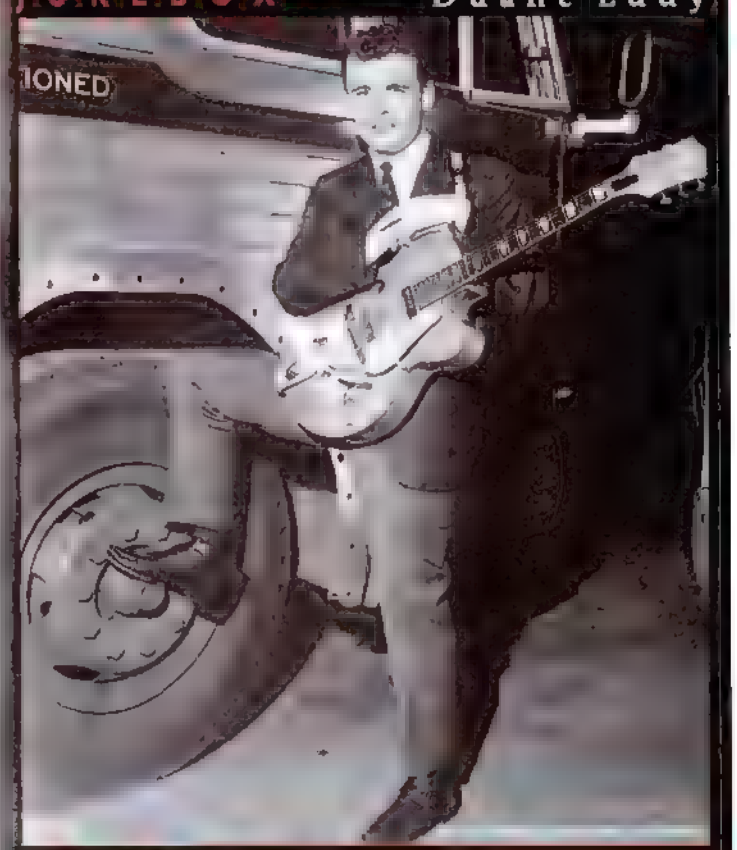
Aliados a Gordy, os Miracles emplacaram "Got A Job", musica que abre o primeiro CD. Que ainda traz duas versões de "Shop Around". "Berry achava que a nossa prime ra versão era muito lenta, puxada para o blues", explica Robinson num dos textos da caixa.

O segundo CD é a festa: traz a maioria das faixas que transformaram os Miracles (já com o nome de Smokey a frente da banda) num dos mais famosos grupos vocais da Motown. "You Really Got A Hold On Me", "Tracks Of My Tears", "Going To A Go-Go", etc. Smokey transformava em obras-primas sentimentos como solidão ("Tracks ") e amores juvenis ("My G rl" e "My Guy", gravadas respectivamente por The Temptations e Mary Wells). Mesmo o aborto involuntário da mulher, Cindy, que largou a banda para ser "do lar", virou uma bela canção, "More Love", presente no terceiro CD da banda. O disco ainda traz as partic pações de Billy Griffin, que substituiu Smokey a partir de 72. Os Miracles, fizeram sucesso com "Love Machine", que aproveitou a virada disco e foi primeiro lugar nas paradas.

No quarto CD destaca-se a fase solo de Smokey, com o romantismo desenfreado de musicoes como "Being With You", "Cruising" (trilha de amassos de uma novela da TV Globo) e "One Heartbeat". Com exceção de Smokey, os Miracles estão parados, só fazendo shows comemorativos. Mas o nome deles, bem como os de seus sucessos, estão na memória dos fãs de soul. SÉRGIO MARTINS

JUKEBOX

Duane Eddy



Discografia selecionada

■ *Have Twangy Guitar Will Travel* (Jamie, 58). Álbum relançado em CD nos EUA e na Alemanha pela Motown ■ *Dance With The Guitar Man* (RCA, 62). Relançado em CD em 93 na Alemanha ■ *The Best Of Duane Eddy* (Rhino, 92). CD duplo com hits da época em que ele gravava pelo selo Jamie, como "Rebel Rouser", "Because They're Young" e "Peter Gunn". P.C.

Em inglês, o verbo *twang* significa "vibrar, ressoar, zunir, produzir som metálico". Com esta definição já dá para ter uma ideia do que é a *twangy guitar*, um ovo de Colombo posto em pé por **DUANE EDDY**.

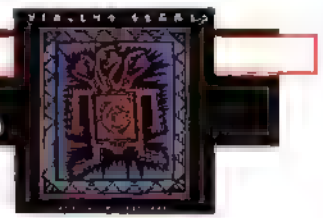
O cara criou um estilo muito peculiar, cuja originalidade influenciou a guitarristas. Sua manha era levar melodias nas cordas graves da guitarra, tecendo *riffs* em *staccato* e capricha frases lentas valorizadas pelo uso da *a vanca*.

Nascido em Corning, estado de Nova York em 38, ainda criança começou a se devotar ao instrumento. Aos 13 anos mudou-se com sua família para Phoenix, Arizona, onde logo se integrou à cena musical local. Um de seus mentores foi o guitarrista Al Casey (da banda do jazzista Fats Waller). Tocou em vários grupos, mas se projetou definitivamente em 58, ao se associar ao produtor Lee Hazlewood – mais conhecido pelos trabalhos posteriores com Nancy Sinatra, a filha dos "velhos olhos azuis". Sob a batuta de Lee, Duane gravou o single "Rebel Rouser", que ascendeu ao sexto posto da parada. Foi o estopim da dinamite do rock basicamente instrumental de Eddy, que colecionaria hits até 63, influenciando bandas americanas (The Ventures) e britânicas (The Shadows, The Tornadoes, etc.). Assessorado por um ótimo time de músicos e um grupo vocal feminino – The Rebels e The Rebelettes. Neste meio tempo, Eddy chegou até a arriscar uma carreira cinematográfica em *Porque Sao Jovens* (*Because They're Young* 60), fazendo mais sucesso interpretando a música-tema.

Daí Duane tentou *comebacks* como os singles "Play Me Like You Play Your Guitar" (*Top Ten* na parada inglesa) e "You Are My Sunshine" (com canjas de Willie Nelson e de Waylon Jennings). Em 86, o grupo tecnopop The Art Of Noise convidou Eddy para um *remake* de "Peter Gunn" (um hit dele em 60). E no ano seguinte saiu *Duane Eddy*, album com as participações de ilustres fãs do guitarrista, como Paul McCartney, George Harrison e Ry Cooder. Agora, só resta esperar quando sua guitarra dirá "twang" outra vez. CELSO PUCCI

DIGA SIM À VIOLÊNCIA

Trio country punk volta em excelente retrospectiva



Gordon Gano (guitarra, voca. e principal compositor), Brian Ritchie (baixo) e V ctor De Lorenzo (bateria) foram uma das mais importantes bandas do *college rock* dos anos 80. O trio da cidade de Madison, estado de Wisconsin, atende pelo nome de **VIOLENT FEMMES** e influenciou grupos como Pix es, Dead Milkman, Alice Donut, além de sempre ter sido citado por caras com Kurt Cobain (Nirvana), entre muitos outros.

Na verdade, os caras são idolatrados por meio mundo, desde o seu primeiro álbum homônimo, lançado em 83. E dele que saíram "Blister In The Sun" e "Add It Up", duas das grandes pérolas da juventude de todos os tempos, que agora reaparecem na compilação **Add It Up (1981-1993)**, da gravadora Slash.

Mostra indispensável do punk rock descarado temperado por country que o grupo detona com versões ao vivo e sobras de estúdio como "Dance, M F., Dance". RODRIGO GUEDES

ZONA FRANCA

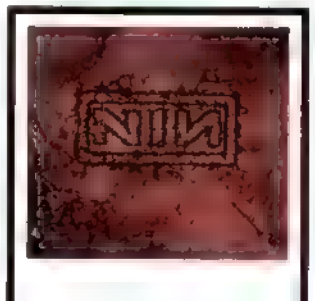
GARRAS AFIADAS

Trent Reznor em ação, tratando para fora sua

Adrian Boot/RETNA

Se tem algo que aporrinha Trent Reznor – nome da *one man band* **NINE INCH NAILS** – é ser tratado pelo público especializado e por luminares, tipo Al Jourgensen (Ministry), como um estranho no ninho do eletro-metal-rock. Só porque o cara vendeu milhões de discos, roubou o primeiro Lollapalooza do Jane's Addiction e recheou o seu primeiro álbum, *Pretty Hate Machine* (91), de baladas eletrônicas, não quer dizer que ele não possa ser mais esquisitão do que as armações de Jourgensen & Cia. E é. Dai a ciumeira.

Pois o seu EP anterior, o pesadaço *Broken* (92), foi malhado como uma espécie de sub-Ministry oportunista (apesar de dar um pau legal no concorrente *Psalm 69*...). Agora, com o seu novo álbum **The Downward Spiral**, "Trentinho, The Menace" mostra que só faz mesmo o que quer. Primeiros sintomas: o selo TVT/Interscope/Nothing/Warner, sociedade resultante de uma complexa negociação judicial, porque ninguém suporta o cara mas todo mundo queria meter a mão na grana).



Outra: o disco entrou direto no segundo lugar na *Billboard*, logo despencou para o 12º e no momento dessa matéria já desaparecia no 30º posto, condenado pelo gosto comum.

Trata-se de um dos melhores ou de um dos piores álbuns de todos os tempos. Tem zoeira thrash ("Mr. Self Destruction"), texturas e mixagens em camadas (faixa-título), combina a porrada marcial da EBM com vocalzinhos tipo Prince ("Heresy"), colide *loops* espasmódicos ("March Of The Pigs" do primeiro clip) contra um instrumental de sinistra beleza ("A Warm Place"). Idiossincrático, sem concessões.

Trabalhando (delirando?) em estúdio quase sozinho, Reznor enfia suas obsessões abismais (sexo, poder, paranóia) goela abaixo de quem parar para perguntar as horas. *Alex Antunes*

O MELHOR DE MOZ

Em 92/93, quando desfrutava de adoração frenética nos Estados Unidos, Steven Patrick **MORRISSEY** enfrentava tempos amargos em seu próprio país. Na velha Inglaterra, amigos morriam e jornalistas afiavam as facas.

Que ironia, então, que **Vauxhall And I** (Sire/Reprise) seja o melhor disco solo do ex-The Smiths até hoje. E sobre quem o grande Moz está falando? "Billy Budd" é sobre Johnny Marr? "Speedway" é uma resposta ao *NME* e suas páginas acusando o cantor de racismo? Essas revelações são acompanhadas de um som magnífico (cortesia do produtor Steve Lillywhite). Um disco que coloca Morrissey de volta ao panteão do pop. *Anamaria De Lemos*

Morrissey volta num grande álbum

Kirk e Curt (ou centro) ... estidos ...

Podreira Caipira

Vindos dos cafundós do Arizona, os três "bonecos de carne" – os irmãos Curt (voz/guitarra) e Kirk (baixo/vocais) Kirkwood, mais Derrick Bostrom (bateria) – foram pioneiros do gênero country punk desde 81. Na esteira deles vieram Violent Femmes (ver *Replay* desta edição), Green On Red, Jason And The Scorchers, Tex And The Horseheads, etc.

A nova façanha do trio atende pelo nome de **Too High To Die** (London), mesclando a pauleira melodiosa dos tais **MEAT PUPPETS** ("Violet Eyes", "We Don't Exist", "Flaming Heart") a arroubos radicais de tradicionalismo ("Shine", "Comin' Down"), blues reciclado ("Roof With A Hole") e até uma levada new wave escancarada ("Things"). *Celso Pucci*

NA TRILHA DA MELANCOLIA

Nos idos de 89, eles eram Asphalt Ribbons, banda produzida por Jon Langford (The Mekons), que passou em brancas nuvens. Com mais três membros, em 92, o sexteto passou a se chamar **TINDERSTICKS**. Tornaram-se uma sensação do *underground*. Hoje somam cinco compactos e um álbum homônimo (pelo selo This Way Up), eleito pela *Melody Maker* como o melhor de 93. A obra deles é onírica e melancólica. As letras, retratos em preto-e-branco de desolação e amor derramado em lágrimas de álcool. A música, uma cozinha de jazz, pop e blues, com violinos, órgão e guitarras *sui generis*. Como se Nick Cave se vestisse de Jimmy Webb num coquetel das fantasias de Leonard Cohen. Ideal para tardes cinzas em que os cupidos não vêm ao nosso encontro. *Fernando Naporano*

BARULHO NO FIM DO TUNEL

FUDGETUNNEL... por que o grupo é um dos grandes destaques do metal mundial? Pela capacidade de traduzir criatividade em barulho. **Creep Diets**, lançado em 92 pelo selo Earache, agora sai via Columbia/Sony. É a hora dos caras! Com ênfase no peso e na distorção das guitarras, a banda – produzida por Alex Newport (parceiro de Max Cavallera no Nailbomb) – une *riffs* inusitados a vocais urrados ao extremo. Ou inverte a receita, com a voz limpa, à frente do som poderoso. A influência punk/hardcore é óbvia e passagens incompreensíveis – de efeitos/ruídos – dão o tom do pandemônio. *Robert Haufoun*

MIX

O balanço da mídia

Um dinossauro à beira da extinção?

Depois de 25 anos de carreira, o grande **Keith Emerson** talvez nunca mais volte a tocar. Assunto de capa da *Keyboard* de abril, o último herói do teclado está com seu braço direito incapacitado por uma disfunção nevrálgica detectada no final da turnê 93 do EL&P. Meses depois de se submeter a uma cirurgia que lhe deixou uma enorme cicatriz, Emerson não mostra sinais de recuperação. O menu da *Keyboard* oferece ainda uma reportagem sobre como reconhecer, tratar e evitar a tendinite, e os depoimentos de cinco ex-tecladistas de Zappa lembrando seus bons tempos com o mestre.

Courtney e seu Buraco

Promovendo sua banda Hole, **Courtney Love** foi capa da americana *Option* (edição de março/abril) e da inglesa *Melody Maker* (19 de fevereiro). Disse a loira lambisgóia à *MM*: "Se você mentir sobre nós, eu vou te acertar, Kurt vai atirar em você e nos abriremos um processo." Na *Option* ela conta a história do Buraco e detona sua megalomania em frases como "Gostaria de governar o mundo – acho que ficaria melhor mudado o mundo. Agora, graças à tecnologia do CD interativo, o mundo finalmente está tendo uma chance de mudar o rock" – assim começa a excelente reportagem de capa da *Electronic Entertainment*, edição de março. O CD-ROM para computador é um admirável mundo novo de entretenimento, um pacote multimídia que reúne música videoclipes, fotos, letras e ainda permite intervir na mixagem da canção ou tocar junto com o artista. Entre os títulos disponíveis estão *Digital Decadence* (Mötley Crüe), *Xplora 1* (Peter Gabriel), *No World Order* (Todd Rundgren), *A Hard Day's Night* (Beatles) e *Virtual Graceland*, um passeio pela mansão de Elvis Presley em Memphis.

Rock & ROM

"Desde que surgiu há uns 40 anos, o rock tem

En español

Depois de um ano de existência, a edição em espanhol da *Guitar Player* está sendo importada para o Brasil. Com uma novidade a partir do número de abril, a revista traz encartado um suplemento dedicado aos guitarristas da América Latina e Espanha. Bom para quem não fala a língua oficial do rock e quer saber o que acontece no mundo das seis cordas.

Confissões apimentadas

Capa da *Rolling Stone* de 7 de abril, **Anthony Kiedis** – atualmente gravando o novo disco dos Chili Peppers no Havaí – deu uma entrevista à repórter Kim Neely, onde conta o que andou fazendo nos últimos tempos. E confessa: "Você não pode sair por aí tirando o pau pra fora. Tem gente que não gosta."

Lu Gomes

97 ROCK
97,7 MHZ - S.PAULO
QUEM NÃO TÁ NESSA TÁ FORA.

CARTAS

GABRIEL, O ENGANADOR

Ao posar de Jesus Cristo com o dedo médio levantado, Gabriel O Pensador me decepcionou muito. Será que todos pensam que Jesus é uma pessoa qualquer? Cristo é o senhor da vida. Rei dos reis, filho de Deus, ressuscitado dentre os mortos para nos salvar. E isso não é papo de crente porra nenhuma – eu sou católico!

Alexandre de Freitas Lorena/SP

Não sei onde esse "Pensador" quer chegar. Fala mal da Globo, mas aparece na emissora. Não gosta de playboys, mas faz shows em cancelenas "playbônicas". E nem sabe do que gosta. Sobre o Body Count disse, na BIZZ 100, "As letras são legais, mas não gosto do som." Na 103, disse que se identifica com o "ídolo" Ice-T do Body Count. E aí, Pensador?

Mauricio Torres Tomasi Curitiba/PR

Escrevo para me manifestar contra o bem-falado Gabriel. Ele marcou três shows aqui no Rio Grande do Sul e não apareceu, sendo acusado de estelionatário.

André Rauber Du Bois Rio Grande/RS

EQUILIBRANDO A EQUAÇÃO?

Na edição 104 vocês se superaram, equilibrando matérias interessantes como música e quadrinhos com Raimundos e Rush. Devorei a revista em duas horas. Nota 10!

Adriana Ruiz Itu/SP

Não costumo escrever para nenhuma das revistas que assino, mas fui obrigado a mudar de idéia. Me parece que agora vocês estão numa ao ápice. A revista está enxuta, coesa, sem o velho ranço do crítico musical "fodão".

Luiz Eduardo G. Calado Rio Largo/AL

É triste, mas a BIZZ 104 estava chata. Não ruim, pavorosa; só chata, sem motivação. O Showbizz não tinha novidades; a entrevista com o Rush foi patética; a com o Soundgarden, idem; o Ao Vivo estava muito resumido; e Lançamentos só tinha bombas.

André L. M. Biondo Bauru/SP

O CANIBAL DE CAMPINA GRANDE

Fiquei revoltado ao ler, na BIZZ de abril, a epístola de uma miserável chamada Manuela Miranda. Trata-se de uma mulher sexualmente insatisfeita.

Quem é essa palhuça de circo arábe para criticar ritmos como reggae e hip hop? E até mesmo os maravilhosos Leandro e Leonardo (deusas da moderna música brasileira)? Misericórdia! Se eu cruzar com ela na rua, arranco suas antenas e uso como fio dental.

Fabiano Zhimansky Nunes Campina Grande/PB

NEIL PEART COM AIDS!

Queria agradecer o reconhecimento que a BIZZ finalmente deu ao Rush. Sou baterista e sei como é difícil tirar o som deles.

Por falar nisso: é verdade que o João Barone (bateria dos Paralamas) foi chamado para substituir Neil Peart, que estaria com Aids?

Juliano Cintra Ribeirão Preto/SP

Neil Peart com Aids? E ainda sendo substituído por Barone? Santa confusão! Altamente improvável.

TRAZENDO A CURA PARA O BRASIL

Fazemos parte dos fanzines Catch A Cure e Planet Of Sound. Estamos organizando um abaixo-assinado para trazer o The Cure de volta ao Brasil. Na Austrália, foram necessárias 38 mil assinaturas. Esperamos conseguir o mesmo.

A Letter To The Cure (a/c Jussara Neres), Av. Princesa Isabel, 186/906, Rio de Janeiro/RJ, 22011-010

A REVOLTA DOS ENGENHEIROS HAVAIANOS

É isso aí. Na hora de detonar o último trabalho dos Engenheiros do Hawaii (Filmes De Guerra, Canções de Amor), a BIZZ saiu mais uma vez na frente. Mas na hora de procurar saber o que está acontecendo com a banda agora que Augusto Licks a deixou, a BIZZ se omitiu. Sujeira!

Humberto Paulo Jr. Belo Horizonte/MG

CRUZ CREDO!

Como é que vocês dedicam cinco páginas para Thunderbird e seus despudorados e, depois, ainda falam bem do disco deles? Já ouviram o som? Perderam a noção de música?

César Augusto de Césaro Porto Alegre/RS

R.H. NO PAREDÃO

Na BIZZ 103, um tal Robert Halfoun disse que, no Hollywood Rock, Plant só tocou "Thank You" e "Whole Lotta Love" (do Led Zeppelin). Ou ele só viu parte do show, ou não sabe nada de Led. O que dizer de "Going To California", "Into The Light", etc?

Ernesto Sposito Jr. São Paulo/SP

Como seguidor da seita carioca/serrana Rush, sinto-me na obrigação de retificar o erro de Robert Halfoun na edição 103. A banda tem a tradição de lançar um álbum ao vivo a cada quatro discos de estúdio, e não a cada três, como ele escreveu no Replay.

Emerson Lifeson Pelotas/RS

Não concordo com o Robert Halfoun quando ele diz que "os paulistas que me perdoem, mas, em matéria de animação, a galera carioca dá de dez."

Antônio Assis de Lima Carapicuíba/SP

Robert Halfoun responde: 1) Queridos fãs do Led Zeppelin, resolvam-se. Concordo que faltou citar "Going To California" e "Babe, I'm Gonna Leave You" na resenha do show de Robert Plant. Agora, dizer que "Into The Light" e outras foram o máximo já é um pouco demais. O cara apenas citou isto e, embutiu partes dessas músicas em outras canções; 2) Emerson Lifeson, parabéns! Sua matemática é muito melhor do que a minha. O Rush realmente tem a tradição de lançar um disco ao vivo a cada quatro de estúdio; 3) Digo, repito e explico em matéria de animação, a galera carioca dá de dez no Hollywood Rock. Existe explicação para todos as bandas haverem tido performances superiores no Rio? É claro que foi por causa do público. Para comprovar, os artistas ofereceram à galera carioca alguns presentes (Titãs e Sepultura juntos, o "Rock'n'Roll" de Robert Plant e os beijos, abraços e declarações de amor de Whitney Houston e Bobby Brown). Tenho dito.

A VIDA SEM FELLINI

O Chico Science fez, com uns amigos, uma homenagem ao grupo Fellini no show Chico Science Canta Fellini. Não pude ir (estava com uma gripe forte), mas não acredito que Chico e compadres tenham conseguido alcançar o clima bossa pop-paulista que só o Fellini tinha. Vou ser bem mais feliz quando o mundo e eu encontrarmos a discografia do Fellini em CD por aí.

Suomi Cavalcanti jr. Recife/PE

Escrevam: BIZZ, A/C Cartas, Av. Nações Unidas, 5777, São Paulo/SP, CEP 05479-900.

EDIÇÃO DUPLA

ESPECIAL: Taiu comenta o Circuito Paulista

FLUIR

GUIA DE PRANCHAS GRÁTIS

GRÁTIS

GUIA DE PRANCHAS

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

DISCOS

CDs NOVOS, USADOS E IMPORTADOS. LPs USADOS E RAROS • MPB • ROCK • CLÁSSICOS • JAZZ. ACEITAMOS ENCOMENDA PARA TODO O BRASIL. UM ESPAÇO PARA A BOA MÚSICA EM PINHEIROS.

RUBBER SOUL
Rua Dep. Lacerda Franco, 159 - CEP 05418-000
Pinheiros - SP - Tel.: (011) 816-1519

ROCK ALTERNATIVO, PROGRESSIVO, HARD, ETC.
SWEET JANE ROCK RECORDS
AS ÚLTIMAS NOVIDADES IMPORTADAS EM CD, CD SINGLE, VHS E V. LASER.
ACEITAMOS ENCOMENDAS EUA/EUROPA
ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL.
Temos bonés de Monkees, Hendrix, Janis, Depeche, Zeppelin, ELP, Velvet, REM, Police, Beach Boys, Syd Barret, Cocteau Twins, Stragiers, Yes, Jethro, James Brown, Miles Oldfied, Otis Redding, etc.
AV PAULISTA, 726 - L.J. 9/10
SÃO PAULO - SP - FONE: (011) 288-4847

BIZZ

PARA ANUNCIAR LIGUE:
(011) 816-7866
Ramal 304

EDITORA AZUL

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos E. Amado

REDAÇÃO

Editor-chefe:
Editor especial:
Editor de arte:
Repórter sênior:
Editores-assistentes:
Editor assistente de arte:
Diagramador:
Coordenador de produção:
Correspondentes:
Colaboradores - Texto:
Fotos:
Ilustrações:

PUBLICIDADE

Diretor de Publicidade:
Supervisores de Contas:
Gerente:
Marketing Publicitário:
Coordenadores:

COMERCIAL

Diretora:
Gerente de Planejamento e Controle:
Gerente de Produto:
Gerente de Promoções:

Diretor Administrativo e Financeiro:
Azul Press-Gerente:
Operações Editoriais:
Diretora Responsável:

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (ISSN 0104-1649, edição de maio de 1996). São Paulo - Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, fax (011) 813-9115. Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara 160 - 5º andar - salas 1534/35 - Centro, CEP 20020-080, Caixa Postal 1680, tel. (021) 532-0313, fax (021) 532-1486 - CP 4816. Distribuidor em Portugal:

Assinaturas:

Números atrasados:

ANER

Serviço ao assinante:

Impressão na DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

CONTIGO: Gente, Atualidades e TV
BIZZ: Rock
SET: Cinema e Vídeo
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

BOA FORMA: Fitness, Beleza e Saúde
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
UAU: Ídolos da Juventude
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
1500 VÍDEOS

Especiais

FAMA
LETRAS TRADUZIDAS
VÍDEO ERÓTICO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP

Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644

Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975

Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 224-9534

Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844

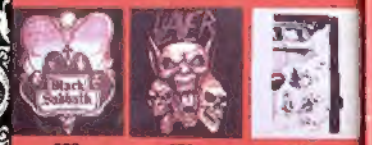
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528

Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Dauta Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

RECEBA PELO CORREIO - PAGUE AO RETIRAR
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
FONE: (011) 299-7478

CAMISETA
ESTAMPA FRENTE
MANGA CURTA (MC)
MANGA LONGA (ML)

663 671 659


689 670 666

665 668 664

629 649 628

662 653 602

BERMUDÃO (BMD)
COM BOLSO LATERAL

BMD - 1 BMD - 2

LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS !

Stamp Rockwear

MALHA MERCERIZADA
SILK SCREEN DE ALTA QUALIDADE
TAMANHOS P, M, G

CAMISETA ESPECIAL (TE)

TE 56 TE 46 TE 42

ESTAMPA FRENTE E COSTAS
MANGA CURTA

TE 58 TE 43 TE 51

TE 55 TE 54 TE 57 TE 44

TE 52 TE 47 TE 48

TE 50 TE 49 TE 53 TE 39

TE 36 TE 34 TE 26

Stamp overprint

ESTAMPA TOTAL (OVR)
FRENTE E COSTAS
MANGA CURTA

OVR - 11 OVR - 12

OVR - 13 OVR - 14

OVR - 3 OVR - 2

OVR - 5 OVR - 6 OVR - 7

PREÇOS

MANGA CURTA(MC)	- CR$ 23.000,00
MANGA LONGA(ML)	- CR 28.000,00
CAM. ESPECIAL(TE)	- CR$ 29.000,00
CAM. OVERPRINT(OVR)	- CR$ 37.000,00
BERMUDÃO(BMD)	- CR$ 29.000,00

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 31/05
DE 01/06 A 16/06
AUMENTO DE 20%

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

NOME:
END.:
CEP: CID.: EST.:

ENVIE O CUPOM AO LADO (OU XEROX) P/
STAMP - RUA HELIODORA, 321
CEP 02022-051 - SÃO PAULO - SP

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

D.B

discoteca básica

MUDDY WATERS
Folk Singer

PERFORMANCE

Lançamento 1964 ■ **Produção** Ralph Bass/Willie Dixon ■ **Faixas** "My Home Is In The Delta" • "Long Distance" • "My Captain" • "Good Morning, School Girl" • "You Gonna Need My Help" • "Cold Weather Blues" • "Big Leg Woman" • "Country Boy" • "Feel Like Going Home" ■ **Notas** Músicas de Muddy Waters, exceto "My Captain" (Willie Dixon), "Good Morning, School Girl" (Sonny Boy Williamson) e "Big Leg Woman" (John Temple) • Buddy Guy toca violão em todas as faixas, exceto na última, onde Muddy toca sozinho • Editado na época pelo lendário selo Chess, de Chicago, o disco foi relançado em 88, quando a MCA adquiriu os direitos sobre as gravações originais. Saiu pela série *The Original Chess Masters* ■ **Formatos** Disponível em CD nos EUA e na Alemanha em edição dupla, englobando também um outro álbum: *Muddy Waters Sings Big Bill Broonzy* • No Brasil, o disco foi editado em vinil e em cassete no mesmo ano, mas atualmente está fora de catálogo. Mas *Folk Singer* pode voltar às lojas: basta convencer a filial brasílica da dona da Chess e da MCA – a RCA/BMG-Ariola – a relançá-lo.

O primeiro guitarrista pelo qual me interessei foi Muddy Waters. Ouvi um de seus discos quando era um garotinho e aquilo me arrepiou até a alma" *(Jimi Hendrix, em entrevista para a revista* Rolling Stone, *no final dos anos 60).*

Demorou, mas como já dizia a minha avó: "antes tarde do que mais tarde". Aqui está ele, "apenas" o mais influente de todos os mestres de blues, nascido McKinley Morganfield em pleno Delta do Mississippi em 1915 e que passou seus 68 anos de vida dedicados de coração ao blues.

Boa parte da história do rock'n'roll passou pelos dedos do "Hoochie Coochie Man"

Seu estilo de cantar e de tocar guitarra foram imitados por incontáveis artistas, número que só pode se comparar ao de músicas que compôs – uma delas, "Rollin' Stone", inspirou tanto o nome de um famoso grupo britânico, como o daquela conceituada revista americana.

Mas uma nota musical de Muddy vale mais do que mil palavras sobre ele. E este álbum totalmente acústico é a grande pedida, por ter sido gravado na época em que o *bluesman* já estava idolatrado por grupos de rock'n'roll e rhythm'n'blues dos dois lados do Atlântico como gênio na guitarra elétrica.

Muddy teve álbuns mais famosos do que este, como *Muddy Waters Live At Newport* (60) e o "psicodélico" *Electric Mud* (68), ambos discos eminentemente elétricos – como a maioria dos álbuns gravados por ele. Mas *Folk Singer* é bem adequado para esta época em que todo mundo está "ligado" no "unplugged". Muddy sabia – e demonstrou muito bem aqui – que existe uma diferença entre tocar alto e ser eloqüente.

Bem... que história é esta de chamar um *bluesman* – e logo um dos mais importantes – de "cantor folk"? Muito simples: Muddy foi descoberto para o público branco em 41, por uma dupla de pesquisadores de folclore americano: John e Alan Lomax (pai e filho). E vários temas que ele interpretava eram adaptações de canções ou blues folclóricos. *Folk Singer* saiu no início de 64, quando a folk music – território de Bob Dylan, Peter, Paul And Mary e quetais – era o "quente" para os jovens que não gostavam de pop rock (leia-se as maravilhas dos Beach Boys, Phil Spector ou o brega feito pelos "Pat Boones da vida", pois a tal da "beatlemania" ainda estava para dobrar a esquina nos EUA).

Neste disco, Muddy ora toca e canta sozinho, ora faz dueto com um jovem muito talentoso, Buddy Guy (assim como Waters, outra notória influência de Jimi Hendrix). Em algumas faixas temos a simplicidade e a eficiência do contrabaixista Willie Dixon (um mestre nas produções do selo Chess) e do baterista Clifton James. Há que se falar ainda do co-produtor do álbum (junto a Dixon), o grande Ralph Bass, cujas glórias incluíram o trabalho com feras como Howlin' Wolf e os jazzistas Charlie Parker e Dizzy Gilespie, além da descoberta de James Brown. Das "canções folk", constam a célebre "Good Morning, School Girl" e outras que – mesmo soando estranhas para quem só conhece os hits como "Rollin' And Tumblin' " e "Got My Mojo Workin' " – devem ser investigadas por aqueles que se interessam por blues sem toques "modernosos" (camas de teclados, caixa de bateria em primeiro plano, etc.).

Para o verdadeiro blues, um bom violão já é mais que suficiente, como prova "Feel Like Going Home", o belo clímax do disco, onde Muddy se descabela sozinho no vocal e na *slide guitar*. É aqui que ele demonstra ser a melhor transição entre Robert Johnson e os *bluesmen* dos anos 60. Enfim, como diz o texto que está na contracapa de *Folk Singer*: "Não importa se Muddy é folk ou blues, o importante é ouvi-lo". *Ayrton Mugnaini Jr.*

PRONTA ENTREGA (011) 826-4288 PHOTO: TRIPOLI

SETE SETE CINCO